Inez Sautchuk

Prática de MORFOSSINTAXE

Escrever um livro que trata de estudos relativos à morfossintaxe da língua portuguesa e torná-lo acessível aos universitários da área de Letras e aos professores das escolas de ensino fundamental e médio é uma tarefa árdua. A pesquisadora e professora Inez Sautchuk resolveu enfrentar o desafio com uma proposta de trabalho metodológico, nesta obra que já se encontra em segunda edição.

Prática de morfossintaxe é resultado do conhecimento teórico das diversas correntes linguísticas sobre o tema e da experiência didática da autora. Resgatando o caráter essencialmente lógico da análise sintática, em consonância com a morfológica, oferece um leque de tópicos fundamentais, sem se deter em pontos passíveis de interpretação variada.

Por meio de uma explanação teórica clara e adequada, com exemplos precisos da língua em uso, esta obra lembra que a língua é uma atividade social e de ação sobre o outro e que surge em textos construídos em contextos diversos.

Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

"A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação."

Émile Benveniste



ISBN 978-85-204-3110-8



Inez Sautchuk

Prática de MORFOSSINTAXE

Como e por que aprender análise (morfo)sintática



2ª EDIÇÃO revista e ampliada

Prática de Morfossintaxe

COMO E POR QUE APRENDER ANÁLISE (MORFO)SINTÁTICA

2ª EDIÇÃO

INEZ SAUTCHUK



Manole

LISTA DAS PRINCIPAIS ABREVIATURAS UTILIZADAS

A	Aposto
A. Adn.	Adjunto adnominal
A. Adv.	Adjunto adverbial
adj.	Adjetivo
AP	Agente da passiva
adv.	Advérbio
C	Complemento
CN	Complemento nominal
det.	Determinante
intens.	Intensificador
modif.	Modificador
OD	Objeto direto
OI	Objeto indireto
PO	Predicativo do objeto
pré-det.	Pré-determinante
prep.	Preposição
PS	Predicativo do sujeito
S	Sujeito

SS	Sujeito simples
SC	Sujeito composto
SO	Sujeito oculto
SI	Sujeito indeterminado
SA	Sintagma adjetival
SN	Sintagma nominal
SP	Sintagma preposicionado
sp	Sintagma preposicionado interno
SV	Sintagma verbal
V	Verbo
VI	Verbo intransitivo
VL	Verbo de ligação
VTD	Verbo transitivo direto
VTDI	Verbo transitivo direto e indireto
VTI	Verbo transitivo indireto

SUMÁRIO

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

SOBRE A AUTORA

Inez Sautchuk é Mestre e Doutora em Letras, na área de Filologia e Língua Portuguesa, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e faz pesquisas orientadas teoricamente pela Linguística Textual. É Professora Titular aposentada do ensino superior em São Paulo, onde ministrou cursos de graduação e pós-graduação relacionados à produção de texto escrito e à morfossintaxe. Participou da banca de correção de redação da Fuvest por vários anos e fez parte da Comissão de Especialistas de Ensino de Letras da Secretaria de Educação Superior do MEC. Já publicou os livros *A produção dialógica do texto escrito* e disponibiliza o artigo *Sintaxe: eixo da textualidade* para *download* no *site* http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/63.pdf, entre outras publicações.

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO



É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem. Poder-se-ia dizer decalcando uma fórmula clássica: *nihil est in lingua quod non prius fuerit in oratione.*[1]

Émile Benveniste[2]

Quando era professora de Língua Portuguesa, ainda no Ensino Fundamental e Médio, sempre havia, em sala de aula, momentos inevitáveis nos quais era preciso "ensinar análise sintática". Aos poucos, comecei a questionar a própria utilidade de um ensino mecânico e repetitivo, pautado por uma nomenclatura complicada e por uma sequência exaustiva de exercícios e mais exercícios em forma de orações "com termos grifados". Sem que nenhum aluno me questionasse, passei a me perguntar o porquê de tudo aquilo.

Insatisfeita com a limitação dos próprios exercícios e com a redundância e a ineficiência de "macetes" para encontrar o sujeito ou

1 Tradução livre: *Nada existe na língua que não tenha existido primeiro na oração.*
2 Benveniste, Émile. *Problemas de linguística geral.* Trad. de Maria da Glória Novak e Luiza Néri. São Paulo: Nacional/Edusp, 1976.

o objeto direto de uma oração, ou classificar este ou aquele verbo como transitivo ou intransitivo, compartilhava, secretamente, com a maioria de meus alunos, certa aversão por esse tipo de estudo.

Ao mesmo tempo, irritavam-me as constantes imperfeições com que os alunos se expressavam por escrito. Por que períodos tão confusos ou tão obscuros? Por que tanta incapacidade ou impossibilidade de se expressarem com clareza e eficiência em suas redações? Não lhes eram suficientes as tantas regras de gramática e as tantas aulas e exercícios de análise sintática que os vinham perseguindo por anos a fio?

Com o avanço dos estudos linguísticos, principalmente na área aplicada, com a preocupação cada vez maior em se entender o texto como unidade fundamental de comunicação verbal, e a partir de noções trazidas pelos teóricos da Linguística Textual, pude começar a rever a utilidade e a efetiva funcionalidade de certos aspectos do ensino da língua materna. Cada vez mais eu ia deixando uma gramática da frase para ocupar-me com uma gramática do texto: o objetivo maior das aulas de Língua Portuguesa deveria ser sempre ensinar ao aluno tudo aquilo que ele pudesse, efetivamente, usar com a finalidade primeira de melhorar sua capacidade de expressão e de comunicação na língua materna, em sua modalidade oral ou escrita.

Convencia-me, então, de que as aulas de análise sintática não poderiam continuar em sua mesmice, repetindo conceitos já ultrapassados ou ignorando o quanto esse ensino poderia ser útil no desenvolvimento da capacidade de comunicação verbal do aluno. O texto assumia, afinal, sua posição central e fundamental dentro das relações de intercâmbio comunicativo realizadas pelos usuários da língua. E a frase reaparecia e retomava sua importância como unidade responsável pela boa forma linguística desses textos: "a

frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação"[3].

Se um texto deve pautar-se por regras específicas de textualidade e de textualização, as unidades que o compõem – as frases – aceitam uma combinação múltipla de constituintes do sistema linguístico, visando a uma relevância comunicativa, isto é, preenchendo também uma condição de textualidade. O sentido de cada uma dessas unidades é realizado formalmente na língua por meio da escolha e do arranjo de seus constituintes hierarquicamente combinados. Submetem-se, ainda, à força das leis que regem essa organização sintática: "é inerente à própria linguagem, que a ideia não toma forma senão *num arranjo sintagmático*"[4].

Era imprescindível considerar os mecanismos sintáticos como uma espécie de matriz responsável pela força que desencadeia e que imprime, na superfície do enunciado, as marcas de sua textualidade. As aulas de análise sintática deveriam ter um objetivo extremamente importante nesse processo: é preciso realmente dominar a sintaxe como instrumento necessário para o próprio aperfeiçoamento de nossa capacidade de produzir textos.

Foi por tudo isso que o presente livro nasceu, calcado em anos de questionamentos e de busca por uma metodologia de ensino da sintaxe, ou melhor, da morfossintaxe, método este que realmente viesse a funcionar como apoio ao desenvolvimento da capacidade do aluno de se expressar bem em sua língua materna.

Este trabalho não é um método que se aferra a meandros teóricos que acabam por anular a funcionalidade ou a praticidade do que é ensinado. Antes, quis que fosse um livro que ensinasse a análise

3 *Ibidem*, p.139.
4 *Idem*.

(morfo)sintática da maneira mais lógica possível, retomando-lhe essa qualidade já tão esquecida. Assim, os conhecimentos vão se superpondo em um processo acumulativo e jamais anulativo: o que se viu em um tópico deve ser sempre usado como suporte para aprender o que vem a seguir.

Não se pode separar o conhecimento morfológico do sintático, pois o primeiro propicia muito mais segurança na determinação das funções sintáticas dos termos da oração: a base ou a natureza morfológica de um sintagma (constituinte imediato das orações) *determina* ou *autoriza* sua função sintática. E a respeito de sintagmas, mostro que, aprendendo a reconhecê-los e decompô-los, a tarefa de observar-lhes as funções sintáticas fica extremamente mais fácil. Aí, sim, podem ser abordados todos os termos da oração, em um método muito prático e seguro de análise, até chegar a um verdadeiro quadro morfossintático desses termos.

Não me interessei por casos duvidosos ou intrincados de análise, uma vez que quero apenas tornar este estudo o mais prático e aplicável possível. Para isso, aponto os principais casos em que o conhecimento sintático da língua é necessário.

Espero que este resultado da prática de morfossintaxe com os meus alunos, a que venho me dedicando durante tanto tempo, traga o proveito que espero a todos aqueles que ainda não aprenderam ou não souberam para que serve este tipo de estudo. Por isso, o presente trabalho destina-se, basicamente, aos estudantes dos cursos de Letras, a todos os professores de Língua Portuguesa, em qualquer nível, e a toda e qualquer pessoa interessada em saber "como se constroem frases" em nossa língua.

A autora

NOTA SOBRE A SEGUNDA EDIÇÃO

Nesta nova edição, mantive o mesmo propósito de tratar o estudo da morfossintaxe como pré-requisito para o domínio da língua e, consequentemente, para a melhoria da comunicação e da expressão oral e escrita.

Colhendo sugestões e comentários de colegas professores, e também de nossos alunos, pude não só corrigir imperfeições, mas também atualizar e acrescentar informações. A abordagem do assunto tornou-se ainda mais didática e aumentou-se o número de exercícios propostos. Estes estão agora organizados em função do grau de dificuldade ou da necessidade prática. Assim, pertencem ao nível 1 as atividades que visam mais ao treino e à fixação de conteúdo e, ao nível 2, as mais complexas, que abordam um uso mais específico na língua ou que solicitam uma justificativa para a resposta.

APRESENTAÇÃO

Escrever um livro que trata de estudos relativos à morfossintaxe da Língua Portuguesa e torná-lo acessível aos universitários da área de Letras e aos professores das escolas de ensino fundamental e médio é uma tarefa árdua, mas a professora Inez Sautchuk resolveu encarar esse fato e apresenta na obra *Prática de Morfossintaxe – 2ª edição* uma proposta de trabalho metodológico acessível e capaz de elucidar os leitores sobre a importância do conhecimento da língua e a sustentação do pensamento.

Visando à busca de um caminho viável que resultasse em um trabalho linguístico preciso e aplicável, a professora Inez encontra no estudo das questões relativas à morfossintaxe a resposta para uma atividade linguística agradável e acessível aos leitores.

Esta obra é resultado do conhecimento teórico das diversas correntes linguísticas sobre o tema e da experiência didática da pesquisadora e professora. Resgatando o caráter essencialmente lógico da análise sintática, em consonância com a morfológica, a autora oferece um leque de tópicos fundamentais, sem se deter em pontos passíveis de interpretação variada. Por meio de uma explanação teórica clara e adequada com exemplos precisos da língua em uso,



a obra confirma o principal atrativo deste estudo gramatical sobre a morfossintaxe que, embora se limite à abordagem no nível da frase por uma necessidade de ordem prática, não esquece que a língua é uma atividade social e de ação sobre o outro e que surge em textos construídos em contextos diversos.

O livro revela o conhecimento linguístico, a experiência didática e a capacidade de inovação da pesquisadora séria e competente. Essas qualidades podem ser comprovadas na escolha dos títulos de cada parte, na explanação dos tópicos propostos, na seleção dos exemplos, nas sugestões de questões e de atividades para que a aprendizagem possa ser efetivada.

O livro é um convite à reflexão e à busca do conhecimento de como a língua portuguesa funciona no que se refere à morfossintaxe, mas, para alcançar esse conhecimento, é preciso ler com atenção cada capítulo e tentar desenvolver cada atividade proposta. Assim, caro leitor, prepare-se para aceitar o convite e procure desfrutar cada etapa apresentada ao longo deste livro. Valerá a pena.

Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade
Professora da Área de Filologia e Língua Portuguesa
do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
da Universidade de São Paulo

1

O QUE É MORFOSSINTAXE

Os estudos gramaticais

O estudo da gramática de uma língua costuma ser feito, pedagogicamente, sob quatro aspectos, conforme as unidades linguísticas em estudo: fonemas, morfemas e palavras, sintagmas e frases, e unidades semânticas em geral. A cada um desses tipos de unidades linguísticas corresponde uma determinada área de estudo, ou seja, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

Assim, quando a unidade focalizada é o fonema[1], podem-se, por exemplo, estudar fenômenos da língua como a cacofonia (encontro de sons que produz um efeito desagradável ou cômico, como *na vez passada* – ouve-se *na vespa assada*) e a silabada (desvio de pronúncia padrão, como pronunciar Nobel como paroxítona). Se estivermos apenas nos limites dos morfemas (as menores unidades significativas da língua) e/ou das palavras, poderemos estudar, por exemplo, como se realizam processos de derivação (papel: papelote, papelada, papelão, papelaria) ou flexão (papel/papéis).

1 Fonema é a menor unidade linguística destituída de sentido, passível de delimitação na cadeia falada, isto é, uma sequência de sons. Caracteriza-se, normalmente, pela substância sonora, ou seja, por representar os sons de uma língua.

Relações entre palavras formando sintagmas, e estes formando frases (ou orações), remetem-nos aos estudos comandados pela sintaxe, seja ela de colocação, concordância, regência, coordenação ou subordinação. Finalmente, fenômenos semânticos que aconteçam com e em quaisquer dessas unidades propiciam o estudo de fatos linguísticos como sinonímia (*menino/guri/moleque*), antonímia (*feio/bonito*), paronímia (*descrição/discrição*), homonímia (*sessão/seção/cessão*), ambiguidade ou duplo sentido (*ele acertou na mosca/diga ao seu primo que irei à sua casa*), pressuposto ou subentendido (informações implícitas em frases como *ele parou de estudar/não gosto dos modos de seu tio e você se parece muito com ele*) e outras ocorrências.

A língua, porém, tomada como um código composto de unidades e de leis que as ordenam e regulamentam, realiza-se mediante a interação e a perfeita harmonia entre todos esses aspectos e não compartimentada por eles. Todo usuário da língua concretiza seus atos de fala e exerce sua competência comunicativa, produzindo textos orais ou escritos, a partir dessas unidades e orientado pela força intrínseca das leis fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que as organizam ou que as autorizam. São as regras das três primeiras que definem quais construções são *possíveis* na língua, tomada como sistema, enquanto cabe às regras semânticas estabelecer a relação dessas construções com o mundo extralinguístico, estabelecendo-lhes os diversos significados.

São, portanto, consideradas *bem formadas* todas as construções que não desobedecerem à gramática da língua, isto é, a qualquer uma de suas leis, não só àquelas que sejam consideradas normativas, mas principalmente àquelas que sejam *constitutivas* dessa gramática. É o conhecimento dessa "gramática internalizada" que comporta as regras essenciais constitutivas de sua identidade, possibilita que todo falante de uma língua "saiba" construir frases e, com elas, expressar seus

pensamentos. A língua como sistema – fenômeno que lhe garante a unidade e a identidade secular – permite, porém, muitas realizações concretas individuais que variam mediante um emaranhado de fatores e que representam a *diversidade de uso*. É por isso que, em pleno século XXI, um falante do português consegue identificar como escrito em Língua Portuguesa um texto do século XVI, ainda que lhe cause "estranheza" o uso diferente de algumas regras gramaticais e de um vocabulário diferente do que ele conhece atualmente. Isso ocorre porque existe uma estrutura linguística imutável que sustenta a língua e subjaz a quaisquer outras realizações que dela se façam: essas são as leis constitutivas de uma língua, não apenas aquelas a que se costuma chamar de "norma padrão". É por isso que um falante da língua "sabe" que não pode construir uma frase como (1) **Meus todos os amigos são divertidos*[2], mas usa, em determinadas situações de oralidade, uma como (2) *Meus amigo são demais*. Pela mesma razão, um paulistano do bairro do Bixiga diz (3) *Me dá um chopes e dois pastel*, mas não aceitaria que o colega ao lado admitisse que iria (4) *Beber o pastel* ou que o seu (5)**cachor* está doente. As construções (1), (4) e (5) infringem, respectivamente, leis sintáticas, semânticas[3] e morfológicas constitutivas do sistema do português, enquanto (2) e (3) apenas contrariam regras normativas de sua sintaxe de concordância e de colocação[4].

2 Todos os exemplos antecedidos por um asterisco representam construções não autorizadas pela gramática constitutiva da Língua Portuguesa que, portanto, são consideradas agramaticais.

3 A construção (4) contraria um conhecimento de mundo geral, ainda que possa ser usada metaforicamente.

4 A gramática normativa comporta regras de natureza fonológica, morfológica, sintática e até mesmo de natureza semântica, recomendadas ou prescritas como modelos de correção. A chamada "norma culta" ou "norma padrão" representa apenas uma das realizações do sistema, mas uma variedade linguística de prestígio, mais valorizada no meio social. Essas regras são culturalmente aceitas por expressar o "uso correto" da língua.

Pela mesma razão, isto é, pelo conhecimento e pelo domínio de sua gramática interiorizada, qualquer usuário de nossa língua é capaz de perceber, ainda que intuitivamente, "alguma coisa que lembra o português", em uma frase assim:

(6) *As falemas do fanto mevem em fiscos.*

Nessa frase, há a evidência de leis morfológicas e sintáticas do português que nos permitem localizar não só flexões típicas de gênero e número em prováveis substantivos (*falemas, *fanto, *fiscos) como, também, flexões verbais em *mevem (um possível verbo na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo). Leis sintáticas de construção estão tão presentes na frase que conseguimos distinguir perfeitamente um sujeito (*as falemas do fanto), um verbo intransitivo (*mevem) e um adjunto adverbial (*em fiscos). Sabemos que a frase não usa "palavras" (lexemas) do português, mas organiza-se e autoriza-se mediante suas regras constitutivas.

As unidades linguísticas e os níveis de análise

Podemos, agora, estabelecer aquilo que se convencionou chamar de *hierarquia gramatical*, que nada mais é do que uma escala de unidades linguísticas organizadas segundo graus de posição que seguem princípios constitutivos da língua. Dito de outra maneira, as unidades linguísticas combinam-se entre si, formando unidades em níveis de construção cada vez mais complexos e de diferente funcionalidade.

Assim, *a menor unidade significativa da língua* é o MORFEMA, que se combina a outros morfemas para formar a unidade imediatamente

superior, o VOCÁBULO (ou PALAVRA[5]), que, por sua vez, combina-se a outros vocábulos para formar o SINTAGMA. À unidade linguística denominada *sintagma* cabe o papel de representar os constituintes imediatos da unidade imediatamente superior – a FRASE (ou ORAÇÃO[6]). Finalmente, para ocupar o *status* de maior[7] unidade significativa e comunicativa da língua, elegemos o TEXTO[8], unidade pela qual todo falante exerce efetivamente sua capacidade de "pôr uma mensagem em comum". Observe a sequência:

MORFEMA ⇒	VOCÁBULO ⇒	SINTAGMA ⇒	FRASE ⇒	TEXTO
-o	*cachorro*	*o cachorro*	*o cachorro*	*O cachorro*
cachorr-			*morreu*	*morreu?*[9]

Observe que só é possível diferenciar uma unidade linguística "frase", por exemplo, de outra unidade considerada "texto", pela necessidade de atuação de uma segunda unidade não linguística: o contexto ou a situação de comunicação. Isso significa que qualquer unidade linguística representativa do mundo biossocial/antropocultural ou mesmo do mundo gramatical pode assumir um "estado" de texto a partir de sua inserção em um determinado contexto[10].

5 Por não ser necessário estabelecer, neste momento, suas diferenças teórico-linguísticas, denominaremos "vocábulo" ou "palavra" apenas as unidades que se apresentam linearmente na escrita, separadas por um espaço em branco.
6 Chamaremos de "oração" a frase passível de ser analisada sintaticamente por possuir um núcleo verbal.
7 O termo "maior" não caracteriza a extensão dessa unidade linguística, mas sua posição superior na escala hierárquica da estrutura da língua.
8 O conceito de texto é estudado especificamente na linguística textual (*vide* Sautchuk I. *A produção dialógica do texto escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 2003).
9 A frase pode assumir um *status* de texto, desde que esteja inserida em um contexto.
10 O contexto pode ser tanto o entorno linguístico da unidade vocabular quanto as condições de uso dessa unidade em uma determinada situação.

O MORFEMA constitui um elemento estrutural da língua cuja função é *nomear* os três elementos básicos desse mundo ou *relacioná-los*. Por meio de recortes dessa realidade biossocial ou antropocultural, apreendem-se esses três primeiros elementos, ou seja, ainda que de forma simplificada, os(as):

- OBJETOS: *representados pelos substantivos;*
- QUALIDADES: *representadas pelos adjetivos;*
- AÇÕES: *representadas pelos verbos.*

As unidades linguísticas que servem para nomear esses elementos são chamadas de MORFEMAS LEXICAIS ou LEXEMAS. Aquelas que servem para relacionar os primeiros são chamadas de MORFEMAS GRAMATICAIS ou GRAMEMAS, pois existem apenas no mundo gramatical. Expliquemos isso de uma forma mais simples. O LEXEMA é um tipo de palavra que contém informação básica de significado que representa o mundo extralinguístico ou remete a ele. Chamamos esse "mundo extralinguístico" de mundo biossocial/antropocultural, pois representa aquilo que se poderia definir como "o ser humano e a sua cultura na vida em sociedade". Os lexemas constituem uma espécie de arquivo, de INVENTÁRIO ABERTO, pois, com a função de nomear essa realidade, podem apresentar um crescimento contínuo e teoricamente infinito de palavras em uma língua.

Quando se lê, por exemplo, a palavra *árvore*, forma-se imediatamente na mente do falante da língua o conceito representativo de *árvore*, como uma imagem significativa. O mesmo ocorre com *chorar*: sabe-se o conceito significativo dessa palavra em oposição a, por exemplo, *rir*; *verde* expressa ou representa algo diferente de *pesado*. Todas essas palavras – *árvore*, *chorar*, *rir*, *verde*, *pesado* – têm uma

carga semântica representativa desse mundo biossocial/antropocultural (ou extralinguístico), sendo, portanto, lexemas.

Em relação à categoria dos GRAMEMAS, porém, o mesmo não ocorre. Há outro conjunto de palavras na língua que remete exclusivamente a um mundo *gramatical* (apenas linguístico) e é restrito à função de apenas relacionar ou de estruturar o outro tipo de palavras. Se o mesmo falante da língua lesse apenas a palavra *essa*, *o* ou *mais*, qual seria a imagem mental representativa do mundo biossocial/antropocultural que se formaria em sua mente? Ele conhece essas palavras, sabe que pertencem à Língua Portuguesa, mas elas não têm carga semântica representativa. Essa categoria de palavras serve, gramaticalmente, apenas para relacionar palavras do outro tipo de arquivo, formando estruturas maiores, como *essa árvore*, *o chorar*, *mais pesado*. Esse tipo de palavra constitui também um arquivo, mas um INVENTÁRIO FECHADO, pois, em nossa língua, não se criam novos nem se modificam gramemas há muito tempo[11].

Quando os gramemas compõem a estrutura de um vocábulo, são chamados de *gramemas dependentes*, pois não têm autonomia, ou seja, apenas fazem parte de uma espécie de matriz vocabular anterior. Esse tipo de morfema gramatical aparece na língua sob forma de:

- Afixos { Prefixos / Sufixos }
- Vogais temáticas
- Desinências { Nominais (de gênero e número) / Verbais (de modo, tempo, número e pessoa) }

11 Por exemplo, quantos novos artigos definidos apareceram no português no último século?

Quando os gramemas têm autonomia vocabular e sozinhos constituem uma palavra, recebem o nome de *gramemas independentes*. É o caso dos artigos, dos pronomes, dos numerais, das preposições, das conjunções e dos advérbios pronominais[12].

Observe como essa classificação das palavras da língua baseada em duas grandes categorias iniciais (lexemas e gramemas) mostra-se muito mais eficiente que o tradicional agrupamento realizado por meio da divisão não funcional entre *palavras variáveis* (substantivos, adjetivos, verbos, artigos, pronomes e numerais) e *palavras invariáveis* (advérbios, preposições, conjunções e interjeições).

Basta dividir o acervo de palavras do português em *palavras carregadas semanticamente* em relação ao mundo biossocial/antropocultural, como os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios nominais[13], e considerar todas as demais categorias autônomas como *palavras de funcionalidade gramatical* (são os tais gramemas independentes). Dessa forma, em qualquer texto, se isolarmos as que se incluem na primeira categoria, estaremos selecionando justamente aquelas que detêm a base semântica representativa da realidade, cabendo às demais exercer suas respectivas funções gramaticais (de substituição, de determinação, de relação, de quantificação e de auxílio verbal).

Em um enunciado qualquer, teríamos a seguinte categorização inicial, em que L = lexema e G = gramema:

O	livro	preferido	de	vários	alunos	caiu	sobre	a	mesa.
G	L	L	G	G	L	L	G	G	L

12 Sobre as interjeições, faremos comentários específicos em momento oportuno, pois estas se revestem de algumas características muito peculiares dentro da língua. O mesmo será feito a respeito dos advérbios (nominais e pronominais).
13 Basicamente aqueles derivados dos adjetivos, por meio do acréscimo do sufixo *-mente* (distraida*mente*, amorosa*mente*).

O maior problema para o reconhecimento das categorias de palavras em português reside justamente em diferenciar aquelas que pertencem ao arquivo aberto (substantivos, adjetivos e verbos), uma vez que todas as demais poderiam ser teóricas e facilmente memorizadas porque formam um conjunto fechado, que não se altera ou cresce. Daí a necessidade de se dominar um processo bastante seguro de reconhecimento dos substantivos, adjetivos e verbos. Para demonstrar como é possível conseguir essa segurança, reservamos um item específico no Capítulo 2.

Por que morfossintaxe?

Há um princípio linguístico universal que afirma: "nada na língua funciona sozinho". Para que todas essas unidades linguísticas a que nos referimos passem efetivamente a exercer qualquer função significativa ou comunicativa, é necessário sempre que se organizem ao menos em duas unidades. Assim, é preciso que se juntem um radical (o lexema "puro" *livr-*, por exemplo) e uma desinência (um gramema dependente, como *-o*) para que tenhamos um vocábulo autônomo (*livro*), ou para que se forme um sintagma nominal (*o seu livro*, por exemplo) a partir de um artigo somado a um pronome possessivo e a um núcleo substantivo. Até mesmo um texto verbal não se constitui se não se aliar ao menos um signo linguístico a um contexto e assim por diante.

A esse princípio linguístico fundamental associa-se outro, complementar, que refere que "na língua as formas se definem em oposição a tantas outras que com elas mantenham a mesma função". Em qualquer nível de análise linguística, é esse princípio que justifica,

por exemplo, a possibilidade de se diferenciar *mata* de *pata*, *corri* de *corremos*, *os lobos* de *estes lobos* e assim por diante.

Quando o falante da língua produz qualquer enunciado, está sempre articulando duas atividades linguísticas básicas: a de escolha de uma forma e a de relação dessa forma com outra. O ato de escolher realiza-se entre os dois arquivos: o acervo que esse falante possui de unidades linguísticas que pertencem ao sistema fechado da língua (os gramemas) e o das unidades que pertencem ao sistema aberto (os lexemas). A relação existe quando essas unidades se dispõem em uma linha imaginária que, no caso do português, é horizontal e da esquerda para a direita. Para poderem realizar-se no discurso, os signos linguísticos devem ordenar-se no tempo, segundo essa linha imaginária, em uma sequência chamada CADEIA FALADA. A mensagem que assim surge tem seu sentido dependente, ao mesmo tempo, dos respectivos significados das unidades escolhidas e da função que desempenham (ou que contraem) umas em relação às outras.

Pode-se dizer, então, que o falante *escolhe* entre um conjunto de possibilidades de formas que ainda estão *ausentes* no discurso e *relaciona* aquelas que escolheu para que passem a estar *presentes* nesse "arranjo" linear que está construindo. A escolha entre o acervo virtual, de certo modo, realiza-se numa linha vertical que contém todas as possibilidades: a este conjunto de unidades *em ausência* no discurso é que chamamos de EIXO PARADIGMÁTICO. Ao arranjo que se vai estabelecendo, mediante leis de construção ou de relação da língua, com as unidades *em presença* no discurso, chamamos de EIXO SINTAGMÁTICO. É como se tivéssemos a seguinte situação, visualmente esquematizada:

Eixo sintagmático (horizontal) / Eixo paradigmático (vertical)

O	menino	atirava	uma	pedra	pela	janela.
Esse	garoto	jogava	a	bola	na	vidraça
Meu	filho	guardou	essa	figura	na	lembran

Observe que, se isolarmos qualquer uma das formas que c põem a frase, poderíamos fazer outro "corte" vertical e encon outras formas possíveis de serem escolhidas:

Radical	Sufixo	Desinência
filh-	*-inh*	-o
	-arad	-a
	-ote	-s
ferr-	*-eir*	-o

Radical	Vogal temática	Desinência modo-temporal	Desinência número-pesso
estud-	*-á-*	*-va-*	*-mos*
falh-	*-a-*	*-rie-*	*-is*
receb-	*-e-*	*-ria-*	*-s*
toss-	*-i-*	*-ria-*	*-mos*

Note também que, no eixo sintagmático, a oração se forma pela junção de unidades escolhidas que mantêm entre si relações muito específicas. Repare como, no esquema a seguir, as palavras *o*, *esse* e *meu* relacionam-se e concordam, respectivamente, com *menino*, *garoto* e *filho*; como o bloco assim constituído, por sua vez, relaciona-se com *atirava uma pedra*, *jogava a bola* e *guardou essa figura*; e, a seguir, também respectivamente, com *pela janela*, *na vidraça* e *na lembrança*.

O menino	atirava uma pedra	pela janela.
Esse garoto	jogava a bola	na vidraça.
Meu filho	guardou essa figura	na lembrança.

Todo recorte, para efeito de análise linguística, que for feito "na vertical" estará necessariamente envolvendo um estudo *morfológico* da língua. É como se uma única palavra fosse colocada em um microscópio e estudada isoladamente, ou como se fosse "dissecada" em todas as suas partes constituintes, separando-se os gramemas dependentes, por exemplo.

Será sempre de caráter *sintático* o estudo que envolver relações entre pelo menos duas unidades que estão nessa linha imaginária horizontal, isto é, no eixo sintagmático. É por isso que se diz que o campo de atuação da SINTAXE é o *eixo sintagmático* e o da MORFOLOGIA é o *eixo paradigmático*.

Todavia, como esses recortes servem apenas para se ter uma visão mais didática dos fenômenos linguísticos, não se pode afirmar que a língua em uso funcione ora paradigmaticamente, ora sintagmaticamente (ou ora morfologicamente, ora sintaticamente). Pode-se

deduzir que, na verdade, a língua funciona *morfossintaticamente* e que, portanto, seu estudo mais eficiente é feito considerando-se a MORFOSSINTAXE. Esse fato fica bastante claro quando se percebe como o usuário de uma língua materna rapidamente – e até inconscientemente – "escolhe" unidades de seu arquivo de palavras "na vertical" e as liga "na horizontal".

Para que se possa efetivamente demonstrar como ocorre esse funcionamento morfossintático da língua, é necessário que se tenha, porém, um conhecimento seguro das classes gramaticais e das várias possibilidades de relação que podem ser feitas a partir de seus integrantes. Pode-se afirmar, de antemão, que todas as funções sintáticas contraídas no eixo sintagmático são confirmadas, originadas ou autorizadas pela *base* ou *natureza morfológica* das unidades envolvidas nessas relações. É isso que vamos evidenciar da maneira mais lógica possível nos Capítulos 3 e 4. Antes, porém, faremos algumas considerações a respeito das classes gramaticais.

2

A CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DAS PALAVRAS

Considerações sobre os critérios para a classificação das palavras

As palavras existentes em qualquer língua são agrupadas em várias classes, conforme a semelhança de formas que apresentam paradigmaticamente, ou, para alguns autores, conforme o tipo de funções que podem desempenhar no eixo sintagmático ou, ainda, conforme o sentido que podem expressar. A existência dessas classes gramaticais é justificada tanto pela necessidade de se organizar um repertório tão grande de palavras quanto pelo fato de elas constituírem um modelo: têm características mórficas (estruturais) que permitem contrair ou não determinadas funções sintáticas, propiciando diversas expressões de sentido.

Percebe-se, assim, como *forma*, *função* e *sentido* estão intimamente ligados para explicar qualquer fenômeno linguístico. A FORMA define-se segundo os elementos estruturais que vierem a compor ou decompor paradigmaticamente as palavras; a FUNÇÃO, conforme a posição ocupada no eixo sintagmático; e o SENTIDO depreende-se da relação de ambas as coisas, quase sempre associado a fatores de ordem também extralinguística.

Observe como, no par de construções em (7), é o fator sintático (posição/relação horizontal) que interfere na produção de sentido:

(7) *homem grande/grande homem*
funcionário novo/novo funcionário

ou como, no par em (8), uma mesma estrutura sintática (um mesmo tipo de relação horizontal) pode apresentar sentidos diferentes, ainda que os componentes paradigmáticos sejam da mesma classe gramatical:

(8)

Este	*é*	*o*	*romance*	*mais*	*bonito*	*de*	*Jorge Amado.*
Este	*é*	*o*	*terno*	*mais*	*bonito*	*de*	*Jorge Amado.*

No caso das frases em (8), só é possível explicar a diferença de sentido entre ambas por um fator de ordem estritamente semântica e em dependência de um prévio conhecimento de mundo. Um indivíduo que não tiver o português como língua materna muito provavelmente não entenderá a diferença de significado entre as frases.

Não se nega a importância do fator semântico para explicar muitas ocorrências da língua, nem mesmo que é tão somente o fator semântico ou extralinguístico que pode explicar muitas delas, como em (8). Todavia, não se pode continuar, principalmente em relação a conceitos gramaticais necessários, definindo, por exemplo, substantivo apenas como "a palavra que dá nome aos seres" (definição exclusivamente de caráter semântico, adotada por uma gramática filosófica que já não pode nortear muitos dos estudos atuais na área da Linguística).

É curioso que justamente em relação à categoria dos três lexemas básicos que referem o mundo biossocial/antropocultural – substantivo, adjetivo e verbo – que a gramática tradicional menos evoluiu na tarefa de conceituá-los. Além de a definição de substantivo envolver um conceito tão abstrato e filosófico como *ser*, também as definições de adjetivo e de verbo seguem o mesmo esquema de raciocínio. Ainda se persiste em definir adjetivo como "a palavra que dá qualidade aos seres" (o que é exatamente uma *qualidade* e um *ser*?) ou como "a palavra que qualifica o substantivo", definição que pressupõe que já se saiba o que é substantivo e, novamente, que se saiba o que é "qualificar", ou, ainda, "a palavra que delimita significados do substantivo", conceito provavelmente muito claro apenas para os gramáticos. Há muitas palavras que indicam qualidade (como *beleza, inteligência*) e nem por isso podem ser classificadas como adjetivo. E *feio* ou *estúpido*: qualificam ou desqualificam substantivos?

Quanto à definição de *verbo*, a mesma insegurança filosófica se estabelece, uma vez que é considerado "a palavra que exprime ação, fenômeno ou estado". Não se pode negar que *briga* ou *lançamento* indiquem ações, mas nem por isso essas palavras podem ser consideradas verbos. Da mesma forma, *chuva, relâmpago* e *morte* ou *sono* exprimem fenômenos e estados, mas não há aluno mediano do ensino fundamental que afirme que são verbos (a menos que ele se lembre da própria definição tradicional de *verbo*).

Parece que as crianças têm aprendido na escola o que é um substantivo, adjetivo ou verbo, *apesar* dessas definições e não *por causa* delas. Quais seriam, então, os mecanismos de que aquelas mais intuitivas acabam por lançar mão para descobrir como identificar essas palavras nos textos? E quais seriam os critérios usados para identificá-las, além das definições de natureza semântica, que, como já vimos, são extremamente falhas?

Os linguistas mais modernos preferem apoiar-se em explicações de caráter formal e sintático, por serem mais confiáveis, uma vez que dispensam exigências subjetivas de análise. Se nos ativermos a características e a mecanismos essencialmente de caráter morfossintáticos (ou só mórficos, ou só sintáticos) da língua, veremos que é possível reconhecer com mais segurança as palavras que constituem o seu sistema lexical aberto – exigência imprescindível, já que é impossível decorar todo esse acervo[1].

Os mecanismos mórficos e/ou sintáticos para a classificação ou identificação das classes de palavras

Antes de comentar os critérios para a identificação dos lexemas (substantivos, adjetivos e verbos), é preciso lembrar que tem caráter mórfico (ou formal) toda ocorrência linguística que envolver os elementos estruturais das palavras (os gramemas dependentes – desinências, afixos etc.) e que tiver como unidade de estudo tão somente a palavra. Basta, enfim, que percebamos se essas ocorrências envolvem "cortes verticais" no eixo paradigmático.

Assim, é morficamente que se explicam em português, por exemplo, as diversas flexões de gênero e de número (*gato/gata, mesa/mesas, azul/azuis*) ou os processos por derivação prefixal ou sufixal (*moral/imoral/amoral, moralmente, moralidade*). Contudo, não é uma marca formal que define o gênero da palavra "personagem" ou o número da palavra "pires", mas o fato de comporem, no eixo sintagmático, uma

1 Fato que é dispensável em relação às categorias que compõem o sistema fechado, pois, teoricamente, seria possível memorizá-las.

relação grupal com outra(s) palavra(s), constituindo, dessa forma, uma unidade linguística superior[2]:

personagem esquisita	*este pires*
um bonito personagem	*muitos pires*

Nesses exemplos, dizemos que é um critério ou um mecanismo sintático da língua que auxilia na confirmação do gênero e/ou do número dessas palavras. E serão esses mecanismos – mórfico e/ou sintático – que utilizaremos para ter mais segurança na identificação das palavras quanto à classe gramatical a que pertencem.

É imprescindível, porém, lembrar que a classificação das palavras que compõem principalmente o sistema aberto da língua, mas, em muitos casos, também o sistema fechado, depende muito de seu "comportamento" na cadeia falada. Assim, é muito difícil dizer que uma determinada palavra será *sempre* um *substantivo* ou um *adjetivo*. O que existe são características peculiares (de natureza mórfica e/ou sintática) a determinadas classes de palavras que permitem, *em um determinado contexto*, assegurar-nos de que se trata deste ou daquele tipo de palavra: a língua não funciona em relação a um único eixo (paradigmático ou sintagmático).

Substantivo

O fato de o substantivo ser a única categoria gramatical que aceita o sufixo *-inho(a)* ou *-zinho(a)* e *-ão* ou *-zão*, no sentido de "pequeno" ou de "grande" (um critério mórfico, portanto), é de maior valia para

2 Essa unidade linguística superior é o *sintagma*, cujo estudo detalhado será feito no Capítulo 3.

as palavras de caráter concreto (como *caneta/canetinha/canetão*, *casa/casinha*, ou *cachorro/cachorrinho/cachorrão*).

Ainda que esse princípio seja realmente verdadeiro e irretocável, uma vez que palavras como os adjetivos aceitam os mesmos sufixos, mas não contêm semanticamente a noção de "pequeno" ou "grande" (como *lindinho/lindão*), esse mecanismo de identificação não serve para muita coisa. Em relação a palavras de caráter mais abstrato, acaba tornando-se um critério que contraria, e muito, o uso na língua. É o caso de formas "estranhas", como *conteudinho/conteudão*.

No caso do reconhecimento de substantivos, é o critério sintático que se mostra extremamente eficiente para sua identificação e posterior classificação, além de refletir um artifício já consagrado por qualquer falante. Assim, só é SUBSTANTIVO, em português, *a palavra que se deixar anteceder pelos determinantes*.

A Linguística considera como DETERMINANTE todo o conjunto de morfemas gramaticais independentes que servem não para acrescentar um conteúdo semântico ao substantivo ou para modificar seu sentido, mas para identificar sua referência por meio da situação espaçotemporal ou delimitar seu número. Por isso, são determinantes simples a classe fechada dos artigos (definidos/indefinidos), dos pronomes possessivos e demonstrativos e dos numerais cardinais e ordinais[3]. Por sua natureza morfossintática, esses determinantes articulam-se somente com palavras que pertençam à classe dos substantivos ou que, em determinado contexto, estejam funcionando como tal.

Assim, em um enunciado como (9), observe como somente as palavras que se deixam anteceder por determinantes pertencerão à categoria dos *substantivos* (independentemente de serem *seres* ou não):

3 Podem-se considerar determinantes, também, os relativos cujo(a, os, as) e os indefinidos adjetivos (algum, alguma, alguns, algumas; nenhum, nenhuma etc.).

(9) *Não é função popular impedir reajustes de preço na próxima temporada.*
a, uma, minha, esta – função
os, uns, seus, aqueles – reajustes
o, um, nosso, esse – preço
a, uma, sua, essa, nenhuma – temporada

Como muitos substantivos já vêm antecedidos por determinantes na frase, basta reconhecer estes últimos e confirmar a classificação. Observe também como os outros lexemas (*popular* e *próxima*) do exemplo não se articulam com determinantes. Mesmo que o aprendiz quisesse anteceder essas palavras por eles, o resultado seria uma expressão de sentido desconexo ou incompleto, como **o(a) popular*, **um(uma) popular*, **este(esta) popular* e **seu(sua) popular*, o mesmo ocorrendo com *próxima*.

Esse mecanismo de reconhecimento dos substantivos é extremamente útil quando se trata daqueles de natureza abstrata ou daqueles sobre os quais evidentemente não é possível afirmar que sejam um *ser*, como ocorre com os lexemas em (9).

No caso dos chamados substantivos *concretos*, sua praticidade é ainda mais óbvia, refletindo um expediente bastante usado por crianças em fase de aprendizagem gramatical:

(10) *Ponteiros de relógio parecem apostar corrida num círculo.*
os, estes, meus, alguns – ponteiros
o, aquele, nosso, nenhum – relógio
a, essa, minha, uma – corrida
um, o, esse, aquele – círculo

A força substantivadora dos determinantes é tão grande que pode transformar qualquer palavra de qualquer outra classe em substantivo:

(11) *Meu* ***sofrer*** *é proporcional aos seus* ***nãos****.*

(12) *O* ***com*** *pode ser uma palavra bem comunicativa.*

Adjetivo

Também o ADJETIVO possui determinadas características mórficas e sintáticas que o diferenciam de palavras pertencentes a outras classes gramaticais.

Primeiramente, em português, somente as palavras que são adjetivos aceitam o sufixo *-mente*, originando, dessa forma, um *advérbio nominal*[4]. Veja o que ocorre com algumas palavras extraídas de (9), (11) e (12):

POPULAR + *-mente* = popularmente
PRÓXIMA + *-mente* = proximamente
PROPORCIONAL + *-mente* = proporcionalmente
COMUNICATIVA + *-mente* = comunicativamente

Adjetivo — Advérbio nominal

4 As únicas exceções referem-se às palavras *primeiro*, *segundo*, *duplo* e *triplo*, que aceitam o sufixo *-mente*, mas são numerais.

Esse tipo de procedimento tem, às vezes, o mesmo inconveniente daquele que propõe acrescentar os sufixos *-ão/-zão* e *-inho/-zinho* a palavras que possam ser substantivos: o uso na língua. Alguns advérbios assim formados podem "soar mal" aos ouvidos do falante, como *meridional* + *-mente* = *meridionalmente*. Daí ser possível usar outro critério que, entretanto, não exclui esse a que já nos referimos.

Por uma lei morfossintática do português, todo ADJETIVO *é palavra variável em gênero e/ou número e deixa-se articular (ou modificar) por outra que seja advérbio*. Aparentemente, esse fato não seria prático ou de grande valia para a identificação de um adjetivo, pois implica saber reconhecer de antemão o próprio advérbio. Entretanto, reformulando essa asserção de maneira bastante funcional, teríamos: *é adjetivo toda palavra variável em gênero e/ou número que se deixa anteceder por "tão"* (ou por qualquer intensificador, como *bem* ou *muito*, dependendo do contexto).

Retomemos as mesmas palavras de (9), (11) e (12):

A (uma, minha, esta) FUNÇÃO tão POPULAR.
A (uma, sua, essa, nenhuma) TEMPORADA tão PRÓXIMA.
Meu (este, seu, nenhum) SOFRER tão PROPORCIONAL.
A (uma, aquela, nenhuma) PALAVRA tão COMUNICATIVA.

A eficiência desse mecanismo é tanta que funciona até em contextos em que ocorre adjetivação de substantivo:

(13) *Ele não é homem para isso. (= Ele não é tão homem para isso.)*

Não se pode esquecer de que estamos afirmando que é necessário verificar sempre se a palavra que está recebendo o acréscimo

sintático do intensificador é variável em gênero e/ou número (este, um requisito mórfico) e, também, se *está se articulando junto a um substantivo*, com o qual forma um "par perfeito" (outro requisito de natureza sintática). Isso é necessário por um motivo bastante relevante que será discutido a seguir, ao se comentar o reconhecimento de palavras como *advérbios*.

Verbo

Na Língua Portuguesa, o VERBO constitui a classe de maior riqueza formal e, por esse critério mórfico, torna-se facilmente identificável. Realmente, somente os verbos admitem as desinências próprias de número, pessoa, tempo e modo (por exemplo, número *-mos*; pessoa *-ei*; tempo *-ra*; modo *-va*). Como nenhuma das palavras supostamente verbos deixam-se anteceder pelos determinantes ou pela palavra *tão* (ou aceitam sufixo *-mente*), fica relativamente fácil diferenciá-las dos substantivos ou dos adjetivos.

As formas nominais no infinitivo impessoal, no gerúndio ou no particípio passado, quando se comportam como substantivos ou adjetivos, admitem normalmente os critérios que apontamos:

(14) *O doce **balançar** das folhas parecia música ao longe. (substantivo)*
(15) *Não tome leite **fervendo**[5]! (adjetivo)*
(16) *Aquele trabalhador parecia bastante **esforçado**. (adjetivo)*

É também sintaticamente que o reconhecimento das palavras pertencentes à categoria dos verbos mostra-se mais evidente: *somente*

5 A forma nominal do gerúndio não tem, obviamente, flexão de gênero ou número, mas permite ser antecedida por *tão/muito*, quando equivaler a um adjetivo.

os verbos se articulam com os pronomes pessoais do caso reto. Por isso, os aprendizes costumam "conjugar" palavras para se certificar de que elas são ou não verbos. Assim, temos:

Eu: vou, estive, pareço, fico, almejo.
Tu: sabes, estavas, permanecias, vieste, estarás.
Ele: promete, foi, virá, cantava, explodiu.
Nós: ficávamos, escrevemos, recuperaremos, partimos.
Vós: estais, ficastes, pareceis, sois.
Eles: ficam, demoraram, gostavam, desabariam.

Enfim, o verbo é uma das classes gramaticais que mais facilmente se ajusta a uma identificação de natureza morfossintática, pois não deixa de ser sempre uma palavra inevitavelmente marcada pelas desinências número-pessoais/modo-temporais e vinculada a um pronome do caso reto, ainda que não expresso no enunciado. Esse fato mostra, inclusive, por que, no português, o falante pode dispensar o uso do pronome na oração: as marcas formais do verbo são tão peculiares a essa classe de palavras que sua utilização concomitante, na maior parte dos casos, acaba sendo uma redundância.

Advérbio

A classe dos advérbios, em português, é de complexa descrição e classificação devido à sua acentuada mobilidade semântica e funcional. Em uma construção linear (no eixo sintagmático), sua condição de palavra periférica é bastante perceptível, isto é, funciona como satélite de um núcleo. Por isso, costuma-se inicialmente o caracterizar

como palavra que se vincula a um verbo (17), a um adjetivo (18) ou a outro advérbio (19)[6]:

(17) *Ela fala **bem**.*

(18) *Ela parece extremamente **cansada**.*

(19) *Ela fala muito **bem**.*

Em relação ao vínculo com o adjetivo, os advérbios têm uma atuação muito peculiar: constantemente surgem como seu intensificador (*muito* feia, ignorante *demais*, *mais/menos* esperto) ou como seu modificador. Nesse caso, pode-se mesmo afirmar que, se o adjetivo é o grande modificador do substantivo, o advérbio é o grande modificador do adjetivo. Com a combinação de adjetivos e advérbios modificadores, é possível conseguir uma gama muito interessante de efeitos de sentido:

*Ser **meigamente** atuante.*
*Ser **absurdamente** inteligente.*
*Estar **estonteantemente** vestido.*
*Estar **preocupantemente** sonolento.*

Nesse tipo de combinação, fica evidente que o núcleo adjetivo é que se flexionará em gênero e/ou número, e nunca seu advérbio modificador ou intensificador:

6 Neste caso, pressupõe-se já ter havido uma classificação prévia de outro advérbio, o que é bastante ineficiente para efeito de identificação ou de classificação gramatical da palavra.

*Aqueles rapazes parecem estar **maldosamente** interessados.*
*Aquela menina parece estar **maldosamente** interessada.*
*Aquele rapaz parece ser **muito** vaidoso.*
*Aquelas meninas parecem ser **muito** vaidosas.*

Também como satélite[7], há advérbios que se posicionam especificamente como elemento periférico de todo um enunciado e, nesse caso, funcionam como uma marca da posição ideológica e até mesmo emocional do falante. São os chamados *advérbios modalizadores*[8] (geralmente os terminados pelo sufixo *-mente*):

(20) ***Provavelmente**, todos serão punidos.*
(21) ***Infelizmente**, não acredito em você.*
(22) *Ninguém se feriu, **felizmente**.*

Quanto à estratégia de identificação do advérbio na frase, vejamos como isso pode ser feito, associando-se critérios mórficos e sintáticos. Morficamente, toda palavra, ao aceitar o sufixo *-mente*, transforma-se em um advérbio, pertencente ao inventário aberto da língua[9]:

nobre → nobremente
equilibrado → equilibradamente
sábio → sabiamente[10]

7 Há casos, nem sempre lembrados, de o advérbio vincular-se a um substantivo, como em *os exemplos acima*.
8 Há outros meios de se manifestar posicionamento ideológico em um enunciado, utilizando-se verbos como *achar*, *crer*, *poder*, *pedir* etc. ou com frases inteiras, como *pelo que sei*, *segundo minha opinião* etc.
9 É o caso da classe aberta dos advérbios nominais que se formam a partir de um adjetivo.
10 Perceba como a palavra que dá origem a esse tipo de advérbio é sempre um adjetivo, e como, na passagem, quando tiver a forma masculina, esta se altera para feminina.

Também é de natureza mórfica a característica diferenciadora talvez mais importante do advérbio: ele é sempre uma palavra *invariável* em gênero e/ou número. A uma dessas características (ou às duas, dependendo do contexto), associemos outra, de natureza sintática.

Em uma relação sintagmática, os advérbios também se deixam anteceder por um intensificador e, devido à soma de dois critérios, é possível afirmar, genericamente, que ADVÉRBIO *é toda palavra invariável em gênero e/ou número que se deixa anteceder por "tão"* (ou *bem* ou *muito*, dependendo do contexto). Essa afirmação é morfossintaticamente válida e tem uma abrangência maior que a da possibilidade do acréscimo do sufixo *-mente* à palavra que se está analisando, pois, com esta última estratégia, fica incluído também o caso de muitos advérbios que não são derivados de adjetivos e que fazem parte do inventário fechado da língua.

Observe como isso funciona:

(23) *Caminhávamos **depressa**, pois era **tarde**.*
*(= Caminhávamos **tão depressa/era tão** tarde.)*

(24) ***Longe** ficava a casa e nós precisávamos chegar **cedo**.*
*(= **Bem/tão** longe ficava a casa/precisávamos chegar **bem/muito** cedo.)*

(25) *Ela precisa falar **agora**. (= Ela precisa falar **bem** agora.)*

Esse mecanismo de reconhecimento que associa a invariabilidade de flexão do advérbio à aceitabilidade de um intensificador funciona muito bem nos casos em que acontece a adverbialização de adjetivos[11]. Observe a diferença em:

11 São poucos esses adjetivos em português, como *alto*, *baixo*, *claro*, *caro*, *barato*, *afinado*, *desafinado*, *forte*, *fraco*, *grosso*, *fino*.

(26) *Elas/Eles devem falar **claro** a respeito do roubo.*
*(claro = advérbio – deixa-se anteceder por **tão** e é invariável)*

(27) *Ele fez um relato **claro** à polícia.*
*(claro = adjetivo – deixa-se anteceder por **tão** e é variável)*

(28) *Não pagamos tão **caro** por frutas tão **caras**.*
(caro = advérbio e é invariável/caras = adjetivo e é variável)

(29) *As meninas cantavam **forte** o hino nacional. (forte = advérbio – deixa-se anteceder por **tão** e é invariável)*

Em (26), veja como é indiferente construirmos a frase com *elas* ou *eles*: a palavra *claro* permanece invariável quando se deixa anteceder por, por exemplo, *tão* ou *bem* – obviamente porque não se relaciona a *eles(as)*, mas ao próprio verbo, que não tem flexão de gênero. Já em (27), a palavra *claro* é adjetivo, pois aceita *bem/tão*, mas é variável em gênero e número, articulando-se com um substantivo (*relatos claros/declarações claras*, por exemplo). Os mesmos fatos ocorrem em (28) e (29).

Há alguns advérbios de natureza nominal (que funcionam como nomes) e alguns de natureza pronominal (que funcionam à maneira dos pronomes) que, por constituírem um inventário fechado, são mais fácil ou exclusivamente reconhecidos por essa estratégia. É o caso de advérbios como *agora*, *hoje*, *ontem*, *amanhã*, *nunca* e *sempre*, no primeiro caso, e de *aqui*, *lá*, *acolá* (os pouco usados *alhures*, *algures* e *nenhures*), no segundo caso[12]. Advérbios como *meio*, *mais*, *menos* e *demais* não se deixam anteceder por *tão*, mas seguem as mesmas condições de serem invariáveis e articularem-se com adjetivo ou verbo (*ela está meio cansada/ela falou menos*).

12 Mais detalhes sobre as funções adverbiais serão discutidos no Capítulo 3.

O fato de se conceituar advérbios como palavras que indicam diferentes *circunstâncias*[13] (como modo, tempo, lugar, dúvida, instrumento, companhia e tantas outras) implica um aspecto semântico de classificação, que, como mencionado, tem caráter subjetivo, falho e simplista. Para evitarmos equívocos decorrentes do uso exclusivo desse critério ("advérbio é a palavra que exprime uma circunstância"), sugerimos o uso de um critério morfossintático de identificação.

Demais classes de palavras

As demais classes de palavras – artigos, pronomes, numerais, preposições e conjunções – constituem, como já comentado, um inventário ou um sistema fechado da língua e, como tal, podem ser memorizadas. Casos mais específicos de uso não são nossa preocupação no momento, podendo-se recorrer a qualquer gramática normativa para conferi-los. Entretanto, será sugerido, logo adiante, seu agrupamento em categorias linguísticas mais eficientes de serem apreendidas.

Em relação às INTERJEIÇÕES, estudos mais recentes e linguistas de maior expressão vêm considerando-as *palavras-frase*, pois constituem, por si só, verdadeiras orações. Acompanham-se de efeitos prosódicos, variáveis segundo a situação em que estão inseridas. E, de acordo com essas situações, podem ser desde certos tons vocálicos, como *hum*..., *ui!*, *oh!* e *ah*..., até adquirir contornos de verdadeiras palavras, como *olá!*, *puxa!*, *bravo!*, ou reproduzir ruídos, como *clic*, *pum!*, ou, ainda, serem usadas em forma de locuções, como *ora bolas!*, *ai de mim!*, *cruz credo!*.

13 Uma circunstância é definida como detalhes, particularidades que acompanham fatos, acidentes, casos, condições, estados de coisas e situações em certo momento.

São muitas as situações em que se podem empregar interjeições das mais variadas espécies (de apelo, de alívio, de dor, de impaciência, de satisfação etc.). Em qualquer caso, é palavra ou expressão que segue à risca seu sentido etimológico de palavra *interjecta*, isto é, lançada entre os outros elementos oracionais. Como tal, não contrai relação sintática com nenhum outro termo, apesar de poder, sozinha, constituir uma frase/oração:

Oh! = *estou admirado (Oh! Você chegou?)*
Ai! = *sinto dor (Ai! Esse pé é meu!)*
Oba! = *estou muito contente (Oba! Posso sair?)*
Psiu! = *fique quieto (Psiu! Pedrinho está dormindo.)*

Funções adjetivas e funções substantivas

Muitas das palavras (lexemas) que pertencem paradigmaticamente à classe dos substantivos e adjetivos, por exemplo, podem variar de classificação conforme o contexto em que estão empregadas, isto é, de acordo com sua relação sintagmática. Isso é relativamente comum e normal no português. Assim, temos uma substantivação em (30) e uma adjetivação em (31):

(30) *Só* ***os fortes*** *sobrevivem.*[14]
(31) *Você me parece* ***tão criança****!*

Isso ocorre porque essas palavras passam a ter determinados comportamentos morfossintáticos que explicam essa variação em

14 Neste caso, observe como a palavra é tomada sempre em sentido genérico e indeterminado.

contexto: *fortes*, em (30), deixa-se anteceder por determinantes; e *criança*, em (31), é palavra variável em número e que aceita *tão*. Já em (32), a mesma palavra *forte* (classificada em dicionário como *adjetivo*) comporta-se como advérbio (modificando o verbo) e, como tal, passa a ser invariável, deixando-se anteceder por *tão*:

(32) *Elas estão respirando* ***forte****.*

Muitas das palavras que pertencem ao sistema fechado da língua também podem funcionar ora na posição substantiva, ora na posição adjetiva. É o caso específico da classe dos pronomes e dos numerais. Os pronomes pessoais do caso reto, alguns indefinidos, alguns relativos ou interrogativos, por exemplo, têm, sintagmaticamente, um valor substantivo, isto é, ocupam a mesma posição no eixo sintagmático que poderia ser ocupada por outra palavra com as mesmas características paradigmáticas, ou seja, *substituem* um substantivo de fato:

(33) ***Eles*** *precisam ficar em casa hoje.*
Crianças *precisam ficar em casa hoje.*
(34) *Coloquei* ***alguém*** *na sala de leitura?*
Coloquei ***tinta*** *na sala de leitura?*
(35) *As cartas [****que*** *chegaram] trazem boas notícias.*
*[****as cartas*** *chegaram]*
(36) ***Quem*** *ainda brinca de carrinho?*
Menino *ainda brinca de carrinho?*

Já nos exemplos a seguir, outros tipos de pronomes e numerais cardinais e ordinais comportam-se como adjetivos, pois, sintaticamente, isto é, em uma relação sintagmática, *acompanham* substantivos concordando com eles em gênero e/ou número.

(37) ***Certas*** *pessoas recusam auxílio.*
(38) ***Meus*** *joelhos estão doendo.*
(39) *Já perdi* ***duas*** *agendas este ano.*
(40) *Já não somos os* ***primeiros*** *alunos da classe.*

Esse tipo de conhecimento será muito importante quando estivermos analisando sintaticamente os termos oracionais, como veremos no Capítulo 4.

Funções genéricas dos gramemas independentes

Como anteriormente comentado, muitas das palavras que pertencem ao inventário fechado dos morfemas gramaticais independentes podem ser agrupadas de acordo com alguns papéis fixos que vierem a exercer morfossintaticamente. É possível agrupar esses tipos de palavras como pertinentes a conjuntos que se caracterizam genericamente por serem:

- DETERMINANTES: artigos, pronomes possessivos e demonstrativos, pronomes indefinidos em posição adjetiva e relativos, como *cujo (-a, -os, -as)*.
- SUBSTITUTOS: pronomes em posição substantiva, como os retos.
- QUANTIFICADORES: numerais cardinais, alguns advérbios, como *muito*, *pouco*, *demais*, e alguns pronomes indefinidos (em posição adjetiva), como *muito (-a, -os, -as)* e *todo (-a, -os, -as)*.

Exemplos:
os ***três*** *amigos; conversa* ***muito*** *longa;* ***muitos*** *animais comem* ***muito****;* ***muito pouco*** *gentil; eles falam* ***demais*** *ou falam* ***pouco****.*

- RELATORES: preposições e conjunções.

  Exemplos:

  até a cidade; até morrer; em casa; quando criança; cadernos e livros; nasciam e cresciam; salvou-se porque nadou até a praia.

- AUXILIARES: verbos que participam de forma finita ou não finita de outro verbo, como *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

  Exemplos:

  haviam feito; estavam sendo realizados; tivéssemos escolhido; estar satisfeito.

Essa possibilidade de agrupamento parece ser uma melhor alternativa à de apenas "decorar" aleatoriamente grupos de palavras como *variáveis* e *invariáveis*. A partir desses conjuntos, é possível entender melhor as classes de palavras que os compõem, observando, em textos, todas as possibilidades de uso e de expressão.

Questões comentadas I

> O mundo é feito de consumidores, servido por alguns criadores. O desequilíbrio é dramático, e só não determina a frustração universal porque não nos damos conta de nossa impotência criadora, e até nos iludimos, atribuindo-nos uma potência imaginária. *(Carlos Drummond de Andrade)*

1. Vamos separar os *morfemas lexicais* ou *lexemas* (palavras semanticamente carregadas em relação ao mundo biossocial/antropo-

cultural) dos *morfemas gramaticais* ou *gramemas* (palavras que só têm significado no mundo gramatical).

Lexemas	Gramemas
Mundo, feito, consumidores, servido, criadores, desequilíbrio, dramático, determina, frustração, universal, damos, conta, impotência, criadora, iludimos, atribuindo, potência, imaginária	O, é, de, por, alguns, o, é, e, só, não, a, porque, não, nos, de, nossa, e, até, nos, nos, uma

2. Do conjunto dos lexemas, separar, agora, aqueles que pertencem às categorias dos:

- substantivos (palavras que se deixarem anteceder por determinantes – *o*, *a*, *os*, *as*, *esse*, *essa*, *meu*, *minha*, *seu*, *sua* etc.): mundo, consumidores, criadores, desequilíbrio, frustração, conta, impotência, potência;
- adjetivos (palavras *variáveis* que se deixarem anteceder por *tão*): feito, servido, dramático, universal, criadora, imaginária;

OBS.: na verdade, *feito* e *servido*, no contexto, são formas nominais (particípio passado) dos verbos *fazer* e *servir* e constituem as locuções verbais *é feito*, *é servido*. Perceba, porém, como assumem as mesmas características mórficas e sintáticas de um adjetivo.

- verbos (palavras que se articulam com os pronomes retos): determina, damos, iludimos, atribuindo.

OBS.: como já mencionado, *é* (verbo *ser*), apesar de não ter carga semântica, flexiona-se e comporta-se como verbo. *Atribuindo* é forma nominal (gerúndio) do verbo *atribuir*.

O importante, neste tipo de exercício, é conseguir identificar principalmente os substantivos, os adjetivos e os verbos, pois é desse tipo de conhecimento que dependerá, posteriormente, a identificação dos sintagmas, verdadeiros constituintes imediatos das orações.

3. Fazendo cortes paradigmáticos na primeira oração do trecho, observe:

- *Alguns* é um morfema gramatical: por qual outro (ou quais outros) seria possível substituí-lo, sem grande prejuízo de sentido da frase no texto?

RESPOSTA: Poderia ser substituído por outro morfema gramatical da mesma categoria, ou seja, por outros pronomes indefinidos:

certos	criadores
vários	criadores

- O pronome indefinido *alguns* poderia ser trocado por um adjetivo? Por quê?

RESPOSTA: Sim, poderia ser trocado por um adjetivo qualquer, pois também os adjetivos podem articular-se junto a um substantivo (no caso, *criadores*), modificando-o e com ele concordando em gênero e/ou número. Por exemplo: *(tão) notáveis criadores/(tão) maravilhosos criadores.*

- No caso de trocarmos o morfema gramatical *alguns* por um adjetivo, que é um morfema lexical, haveria alteração semântica na frase?

RESPOSTA: Ao trocarmos o lexema gramatical (pronome indefinido) por um adjetivo qualquer, atribui-se uma característica nova ao substantivo, deixando de ocorrer apenas uma referência indefinida ao termo *criadores*. Consequentemente, há uma alteração do sentido original da frase no contexto.

4. Na frase *O garotinho quebrou vários pires no café da manhã*, por meio de qual critério de análise (semântico, mórfico ou sintático) justifica-se que a palavra *pires* é masculina?

RESPOSTA: Por um critério sintático, pois é em uma relação sintagmática da palavra com outra que confirmamos que *pires* é masculino, e não por uma marca mórfica. Por exemplo: *meu pires, o pires, pires quebrado* etc.

5. Observe as construções: *ela está meia aborrecida, quero apenas meia melancia*. Em uma delas, ocorre um defeito de concordância, segundo a norma culta. Por quê?

RESPOSTA: A palavra *aborrecida* é um adjetivo (deixa-se anteceder por um intensificador, é variável em gênero e número). A palavra capaz de se articular a um adjetivo, modificando-lhe o sentido é um advérbio. Como o advérbio é invariável em gênero e número, a palavra *meia* só pode ficar no masculino/singular. Assim, teremos: *ela está meio aborrecida/elas estão meio aborrecidas/eles estão meio aborrecidos.* Já na construção *quero apenas meia melancia*, a palavra *melancia* é um substantivo e, como tal, aceita ou precisa que a palavra *meia* concorde em gênero e número com ela. Neste caso, ocorre, portanto, um numeral (meio = metade) que funciona exatamente como um adjetivo funcionaria, articulando-se a um substantivo. Por exemplo: *preciso de duas meias melancias, comprei meia abóbora, vou usar apenas meios tijolos na decoração.*

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO I

NÍVEL 1

1. Isole os *morfemas lexicais* (ou *lexemas*) dos *morfemas gramaticais* (ou *gramemas*).

O preto no branco,
O pente na pele:
Pássaro espalmado
No céu quase branco.
(...)
No escuro recesso,
As fontes da vida
A sangrar inúteis
Por duas feridas. *(Manuel Bandeira)*

2. Do conjunto dos lexemas, separe aqueles que pertencem, neste contexto, às categorias dos:

- substantivos (palavras que se deixam anteceder por determinantes – *o*, *a*, *os*, *as*, *esse*, *essa*, *meu*, *minha*, *seu*, *sua* etc.);
- adjetivos (palavras *variáveis* que se deixam anteceder por um intensificador *tão* ou *muito*).

3. Responda às seguintes questões:

a. Na frase *Você poderia chamar um táxi?*, por meio de qual critério de análise (semântico, mórfico ou sintático) justifica-se que a palavra *táxi* é masculina?

b. Na frase *Não há táxis disponíveis nos bairros distantes*, por meio de qual critério de análise (semântico, mórfico ou sintático) justifica-se que a palavra *táxis* está no plural?

c. Na frase *O rio desce a montanha* ***vagaroso***, como ter certeza de que a palavra em destaque é um adjetivo ou um advérbio de modo?

d. Compare as duas expressões: *um urso amigo* e *um amigo urso*. Elas têm o mesmo significado? O fato ocorre por um motivo de natureza mórfica, sintática ou semântica?

e. Como é possível saber se a palavra *ônibus* está sendo usada no plural ou no singular? Por um mecanismo mórfico ou sintático da língua?

f. Na oração *Aquela mulher vendeu caro a própria alma*, por que a palavra *caro* não está no feminino, concordando com *aquela mulher* ou com *a própria alma*?

g. Em *meu dentista*, sabemos que *dentista* está se referindo ao masculino por um critério mórfico ou sintático da língua?

h. Em *meus dentistas*, sabemos que *dentistas* está no plural por um critério mórfico ou sintático da língua?

4. A alteração da ordem do adjetivo em relação ao substantivo é possível na Língua Portuguesa. Entretanto, há casos em que esse fato precisa ser evitado, pois resultaria em:

- A: uma expressão inaceitável no uso da língua;
- B: uma alteração de sentido.

Observe as expressões listadas a seguir e selecione uma que ilustre cada um desses casos. Explique sua escolha.

a. flor bonita/bonita flor;
b. lógica normal/normal lógica;
c. indicações preciosas/preciosas indicações;
d. amigo velho/velho amigo;
e. advogado grande/grande advogado.

NÍVEL 2

Para responder às questões de 1 a 8, apoie-se no seguinte texto:

A estrela
Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
Para a minha companhia
Não baixava aquela estrela?
Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda
Responder que assim fazia
Para dar uma esperança
Mais triste ao fim do meu dia. *(Manuel Bandeira)*

1. Identifique, no texto, todos os lexemas. Agrupe-os, a seguir, em três conjuntos: o dos substantivos, o dos adjetivos e o dos verbos.
2. Observe como as palavras que restaram, após a retirada dos lexemas, constituem o conjunto dos morfemas gramaticais independentes (os gramemas). Responda:

   a. Quais deles são determinantes?
   b. Há substitutos, ou seja, palavras que aparecem no texto no lugar de outras? Quais, por exemplo?

3. Você concorda que a forma *era*, na segunda estrofe, poderia ou deveria pertencer também ao conjunto fechado dos morfemas gramaticais, apesar de se comportar morficamente como qualquer lexema-verbo? Especificamente, a qual desses subconjuntos deveria pertencer: quantificadores, substitutos ou relatores? Por quê? Há alguma outra forma verbal que se comporta da mesma forma? Exemplifique.

4. Observe os três primeiros versos das estrofes um e dois:

Vi uma estrela tão alta,	Era uma estrela tão alta!
Vi uma estrela tão fria!	Era uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo	Era uma estrela sozinha

Se você fizesse cortes verticais (paradigmáticos), as formas *luzindo* e *sozinha* ficariam na mesma posição de *alta* e *fria*? O que se pode concluir, então, a respeito da classe gramatical dessas quatro palavras? A forma *luzindo*, nesse contexto, teria a mesma classificação das outras três? Por quê?

5. Em *responder que* **assim** *fazia*, justifique a classe gramatical da forma em destaque, levando em consideração a palavra à qual se articula e o fato de ela ser variável ou não.

6. No verso *vi uma estrela tão fria*, se você mudasse a forma *fria* para *friamente*, essa alteração traria algum tipo de diferença quanto ao sentido do verso? Por quê?

7. Em *não baixava aquela estrela*, há um termo que pode ser trocado por um pronome reto *ela*: *ela não baixava*. Isso significa que o termo trocado e o pronome reto têm a mesma natureza morfológica? Por quê?

8. Em *vi uma estrela tão alta*, o termo *uma estrela tão alta* também pode ser trocado por um pronome reto *ela*? Por quê? Na última estrofe do poema, há o mesmo tipo de ocorrência. Qual é?

9. Na oração *A gatinha chegou mansinho*, há erro de concordância? Por quê?

10. Fazendo cortes paradigmáticos (verticais) nas orações A e B, o que você observa paradigmaticamente em comum nas unidades separadas e o que aparece diferente? Essa diferença gera alguma alteração semântica? Explique sua resposta.

A	Certos	funcionários	fumavam	distraidamente	no	corredor.
B	Certos	funcionários	fumavam	distraídos	no	corredor.

3

O ESTUDO DA SINTAXE

A importância da sintaxe

Etimologicamente, *sintaxe* vem do grego *sýntaxis* e significa ordem, combinação, relação. A SINTAXE é a parte da gramática que se preocupa com os padrões estruturais dos enunciados e com as relações recíprocas dos termos nas frases e das frases no discurso, enfim, com todas as relações que ocorrem entre as unidades linguísticas no eixo sintagmático (aquela linha horizontal imaginária).

A língua é formada pelo conjunto de morfemas lexicais e gramaticais, bem como pelo conjunto de regras e leis combinatórias que permitem a atualização dessas palavras na elaboração de uma mensagem. Se realmente existem dois tipos de inventários (um aberto e outro fechado) dessas palavras, não existe, porém, um inventário de frases. São as leis sintáticas que promovem, autorizam ou recusam determinadas construções, elegendo-as como "pertencentes à Língua Portuguesa" ou como "não pertencentes". Dito de outra forma, se as sequências (e suas extensões e transformações) forem permitidas na língua, então essas sequências serão consideradas *frases* dessa língua; as sequências que não forem permitidas serão *não frases* dessa língua.

A força e a importância dessas leis são tão relevantes que a elas se reserva a manutenção da própria identidade da língua. Observe como qualquer falante do português consegue perceber que a frase (41) está mais próxima de um padrão sintático conhecido (ainda que "meio estranho") que a construção (42):

(41) *Acredito com isso sua recuperação será mais breve.*

(42) *As inconveniências do meio de comunicação chamada televisão é apresentado diante do visor suas transmissões.*

Ocorrem em (42) tantas transgressões de leis sintáticas do português que fica bastante difícil, quando não impossível, recuperar a intenção comunicativa de quem produziu a frase.

As LEIS SINTÁTICAS de uma língua funcionam como uma espécie de guardiã da inteligibilidade da superfície linguística de um texto, pois são o elemento gerador e disciplinador das unidades linguísticas que compõem suas frases. A sintaxe, sem dúvida, é o princípio construtivo e mantenedor da identidade da língua e, como tal, tem sua importância alçada à de assegurar a própria capacidade comunicativa dos textos.

O campo de atuação da sintaxe

Os objetos de estudo da sintaxe são, portanto, todas as relações que ocorrem no eixo sintagmático da língua. Daremos preferência, neste momento, àquelas que se formam entre palavras, gerando os sintagmas, e àquelas que se realizam entre eles, gerando as orações.

Cabe aqui uma primeira distinção entre aquilo que se considera *frase* e o que se convencionou chamar de *oração*. A FRASE é considerada qualquer unidade linguística de comunicação que, do ponto de vista da oralidade, caracteriza-se por uma entoação própria da situação em que se realiza. Pode constituir-se em uma única palavra, em uma interjeição (*Que calor!/Quem?/Olá!*) ou em enunciados mais complexos (*Hoje vai chover./Você viu o meu gatinho?*).

Ainda que, em qualquer nível de análise das unidades linguísticas, a força das leis sintáticas deva ser sempre exercida, é somente quando a frase contiver em si todos os dados para a comunicação, sem a necessidade da mímica ou da situação para completá-los, que poderá ser tomada como *oração*.

Logo, consideremos ORAÇÃO como uma frase que se presta a uma análise sintática de seus constituintes, liberta de seu contexto, e que deve exibir, de maneira clara ou oculta, um núcleo verbal. Dessa forma, a oração reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas, chamadas *sujeito* e *predicado*:

Os alunos atentos ***estudam*** *as lições todos os dias antes do jantar.*
Os alunos atentos ***estudam*** *as lições todos os dias.*
Os alunos atentos ***estudam*** *as lições.*
Os alunos atentos ***estudam****.*
Estudam*.*

Reduzindo-se paulatinamente os termos constituintes desses enunciados (períodos), percebe-se que o único indispensável é o verbo, justamente aquele que se considera o *núcleo da oração*. Já as frases têm um comportamento comunicativo mais amplo e independente da existência ou não desse núcleo verbal, isto é: a frase é capaz, diferentemente da oração, de subsistir mais em função (ou tão somente) dos elementos de situação ou extralinguísticos. Observe:

(43) - *Olá!* (= *frase*)
- *Tudo bem?* (= *frase*)
- *Tudo.* (= *frase*)
- *Você vai ao baile?* (= *frase e oração*)
- *Não.* (= *frase*)
- *Eu vou/porque sou um ótimo bailarino.* (= *frase e duas orações*)

A partir desse exemplo, uma situação de encontro e conversa entre duas pessoas, é possível perceber como somente as frases que também constituem orações podem ser retiradas do contexto e, ainda assim, prestar-se a uma análise sintática de seus constituintes (podem "sobreviver", independentemente da situação). Percebe-se, então, que toda oração pode ser frase, mas nem toda frase pode ser oração.

Convencionou-se chamar de PERÍODO, por sua vez, todo enunciado que se comportar como oração, podendo ser *simples* ou *composto*, no caso de apresentar, respectivamente, uma ou mais orações. Todo período, para simplicidade de localização em um texto escrito, é delimitado graficamente por uma palavra iniciada por letra maiúscula e um sinal de pontuação final, como ponto-final, interrogação, exclamação e reticências. Temos, assim, em (43), um período simples (*Você vai ao baile?*) e um período composto (*Eu vou porque sou um ótimo bailarino.*).

A estrutura sintagmática do português

Quando nos referimos à hierarquia gramatical de unidades linguísticas (morfema → palavra → sintagma → frase/oração → texto), observamos que os constituintes imediatos das frases/orações são os

sintagmas e não as palavras. Na condição de palavra, a unidade linguística presta-se a uma análise de seus constituintes estruturais (os morfemas dependentes, ou seja, radical, desinências, prefixos etc.) e aceita apenas denominações quanto à sua classificação gramatical. A palavra *leão*, por exemplo, está dicionarizada como substantivo masculino e é esse o seu *status* quando vista ou analisada em uma perspectiva "vertical". Essa mesma palavra, porém, assume o *status* de sintagma quando, no eixo horizontal, relaciona-se, combina-se com outra palavra ou com outro sintagma, sob uma perspectiva de análise na "horizontal". Nesse momento, a palavra *leão* assume uma identidade que passa a ser também sintática, dependendo de sua posição no eixo sintagmático e das relações que possa estabelecer com outros sintagmas[1].

Em sentido amplo, todo SINTAGMA é a construção que resulta da articulação de pelo menos duas unidades linguísticas, em qualquer nível de análise. Esse conceito segue, ainda, o pioneirismo linguístico de Saussure[2], para quem sintagma é a combinação de formas mínimas em unidade linguisticamente superior.

Desse conceito inicial, pode-se inferir que uma palavra, por exemplo, também é um sintagma (lexical, no caso), uma vez que resulta da articulação entre duas formas mínimas hierarquicamente inferiores (um radical + uma desinência, por exemplo). Da mesma forma, um sintagma oracional seria o resultado da combinação entre duas formas anteriores: um sujeito (um sintagma nominal) e um predicado (um sintagma verbal).

1 Para quem já possui alguma noção de funções sintáticas, o substantivo *leão* será, por exemplo, um sintagma nominal funcionando como *sujeito*, em *leão escapa do circo*, ou um *objeto direto*, em *circo solta leão*.
2 Ferdinand de Saussure, em *Cours de linguistique générale*, obra clássica, publicada em Paris, em 1916.

Todavia, restringiremos esse conceito a uma perspectiva que reflete melhor o uso da língua pelo falante. Para isso, consideraremos SINTAGMA toda construção sintática que constitua um "bloco" significativo ou funcional que pode "mover-se" no eixo horizontal. Esse "bloco" é formado a partir de uma ou mais unidades linguísticas do nível imediatamente inferior, ou seja, por palavra:

- pertencente ao arquivo aberto: *telefone*;
- substitutiva: *ele*;
- combinada com outra(s) do arquivo fechado ou do arquivo aberto: *meu telefone/meu telefone vermelho*.

Os sintagmas estruturam-se mediante os mais diversos arranjos e combinações, segundo as leis da língua e/ou a intenção do falante. Os sintagmas a seguir (à direita) são formados só pelo núcleo significativo (palavra à esquerda) ou por ele e palavras circundantes, como determinantes e/ou modificadores/intensificadores:

José	José
casa	esta sua **casa** de madeira
bonito	incrivelmente **bonito**
amável	muito **amável**
choveu	**choveu** demais
longe	muito **longe**

São essas unidades uninucleares ou grupais que contraem entre si diferentes posicionamentos sintagmáticos e, dessa forma, desempenham as chamadas *funções sintáticas*. Dito de outra maneira, as FUNÇÕES SINTÁTICAS originam-se das posições e das relações que os diferentes tipos de sintagma assumem entre si em uma oração.

Percebe-se facilmente que o falante da língua não processa qualquer enunciado sílaba por sílaba, ou palavra por palavra, seja falando, lendo ou escrevendo. Se alguém ditasse uma frase sílaba por sílaba ou palavra por palavra para outra pessoa, esta não compreenderia de imediato o significado global do que foi ditado. O ouvinte precisaria reorganizar essas unidades para formar unidades superiores a sílabas e superiores a palavras para apreender o significado integral do que foi ditado. Isso ocorre porque o falante da língua "sabe" que os verdadeiros constituintes da oração são os sintagmas. Esse indivíduo processaria um enunciado como *aqueles passarinhos fizeram seus ninhos em um galho de árvore* muito provavelmente desta forma:

Aqueles passarinhos + fizeram seus ninhos em um galho de árvore

ou

Aqueles passarinhos fizeram + seus ninhos + em um galho de árvore

ou

Aqueles passarinhos + fizeram + seus ninhos + em um galho de árvore

O que acontece com qualquer falante da língua, ao processar enunciados escritos, é que ele o faz "dividindo" esses enunciados em blocos significativos que podem, inclusive, mudar de posição no eixo sintagmático. São esses blocos (ou "as combinações de unidades linguísticas de nível inferior") que constituem o que chamamos de *sintagma*.

Vejamos o que ocorre com a oração-exemplo, se tomarmos, de uma forma prática e fácil, o verbo como ponto de apoio e fizermos este tipo de segmentação:

(44)	*Aqueles passarinhos*	*fizeram*	*seu ninho*	*em um galho de árvore.*
	1	*V*	*2*	*3*

Poderíamos ter as seguintes possibilidades de reorganização desses blocos (sempre tomando o verbo como ponto de apoio):

- 3 + 2 + V + 1;
- 3 + V + 2 + 1;
- V + 3 + 2 + 1;
- 2 + 1 + 3 + V etc.

Dessa maneira, é possível concluir que a construção (44) tem três sintagmas que se movem no eixo horizontal, em função de um ponto de apoio – o verbo –, ocupando as posições mais variadas possíveis e propiciando ordens ou arranjos de leitura em um número muito grande de possibilidades. Observe também que alguns desses arranjos (2 + 1 + 3 + V, por exemplo) "soam" muito mal aos ouvidos do falante, dificultando, até mesmo, o entendimento do enunciado. Isso significa que existem "arranjos" sintagmáticos mais próximos ou distantes de certo padrão linguístico em uso, o que resulta em uma maior familiaridade para o falante. É isso que chamamos de *força das leis sintáticas em uma língua.* O português também tem as suas e, adiante, veremos qual é esse padrão de construção de frases em nosso idioma.

Tomemos outro período simples:

(45) *Em certos dias enevoados, o sol de verão* ***parece ficar*** *muito fraco.*

Em (45), destacando-se outra vez o núcleo verbal como referência, teríamos dois sintagmas anteriores a ele:

(a) *em certos dias enevoados*
(b) *o* ***sol*** *de verão*

e um posterior a ele:

(c) *muito* ***fraco***

Os sintagmas organizam-se em torno de um elemento fundamental, ao qual chamamos *núcleo*. Assim, o sintagma *o sol de verão* tem por núcleo o substantivo *sol*, e o sintagma *muito fraco* tem por núcleo o adjetivo *fraco*. Por isso, dizemos que *o sol de verão* é um *sintagma nominal*, pois tem como base uma palavra substantiva, e que *muito fraco* é um *sintagma adjetival*, pois sua base nuclear é um adjetivo. Já o sintagma *em certos dias enevoados* tem uma configuração diferente: *em* + *certos dias enevoados*, ou seja, é formado por uma preposição e um sintagma nominal. Esse é o caso dos *sintagmas preposicionados*, que poderiam ser representados pela seguinte fórmula: SP = preposição + SN.

Assim, é possível perceber que, em (44), também existe um SP, formado pela estrutura *em* + *um galho de árvore*.

Tipos de sintagmas

Para observarmos como se constroem frases/orações na Língua Portuguesa e entender o que são funções sintáticas, é necessário antes analisar melhor a estrutura dos sintagmas, ao menos daqueles que nos interessam para este estudo.

O SINTAGMA NOMINAL (SN) é uma unidade significativa da oração que sempre terá como núcleo uma palavra de natureza (ou base) morfológica substantiva, podendo esse núcleo vir circundado por determinantes e/ou modificadores nominais[3]. As possibilidades de combinações são infinitas:

Este meu		*de ouro branco*
Aquele dourado	{ *anel* }	*caro demais*
Nenhum		*com gravação dourada*

Com o núcleo substantivo *anel*, poderíamos construir, por exemplo, os seguintes sintagmas nominais:

este meu anel de ouro branco
aquele dourado anel caro demais
nenhum anel com gravação dourada
este meu anel com gravação dourada

Observe como os modificadores do núcleo substantivo de um sintagma nominal podem ser, eles mesmos, um sintagma adjetival

3 Na falta desses elementos circundantes, o núcleo sozinho constituirá o sintagma, desde que seja uma palavra substantiva ou substantivada, como *ele*, *nós*, *alguém*, *tudo*, *quem*, *(o) cantar* etc.

(*caro demais*) ou um sintagma preposicionado (*de ouro branco*, *com gravação dourada*).

O SINTAGMA ADJETIVAL (SA) tem como núcleo um adjetivo que, da mesma forma que ocorre com o sintagma nominal, pode ser constituído apenas por esse adjetivo ou circundado por outros elementos, como advérbios intensificadores (46), modificadores adverbiais (47) ou sintagmas preposicionados (48). Observe, respectivamente:

(46) *Estes anéis são* ***caros demais****.* (*adj. + intens.*)
(47) *Ela se mostrou* ***surpreendentemente honesta****.* (*modif. adv. + adj.*)
(48) *Andar pode ser* ***favorável à saúde****.* (*adj. + sintag. prepos.*)

O SINTAGMA PREPOSICIONADO (SP), como já dito, constitui-se de *preposição + sintagma nominal*. Esse tipo de sintagma pode articular-se a um substantivo – como *sol* ***de verão***, em (45) –, a um adjetivo – como *favorável* ***à saúde***, em (48) – ou a um verbo – como em (49) e (50), *no alto das montanhas* e *do auxílio da polícia*:

(49) *Os pássaros* ***de topetes azuis*** *constroem seus ninhos* ***no alto das montanhas****.*
(50) *Os cidadãos honestos precisam* ***do auxílio da polícia****.*

Na verdade, em (49) temos dois sintagmas preposicionados:

(a) *de topetes azuis* (que se articula com *pássaros*)
(b) *no alto das montanhas* (que se articula com o verbo *constroem*)

Internamente ao sintagma (b), temos um outro SP:

(c) *das montanhas* (formado por *de* + *as montanhas* e articulado ao termo anterior *alto)*

Em (50), temos um primeiro SP *do auxílio da polícia* (*de* + *auxílio da polícia*) e, internamente a este, *da polícia* (*de* + *a polícia*).

Como já vimos em (48), também é possível que um SP se prenda a um adjetivo – *favorável à saúde* (= *a*+*a saúde*) – e, em alguns casos, que também se articule até mesmo a um advérbio, por exemplo, *favoravelmente à saúde*.

A partir dessas primeiras considerações, é possível perceber como os sintagmas podem se comportar como *autônomos* ou *internos*. Consideramos SINTAGMAS AUTÔNOMOS aqueles que se movimentam sozinhos no eixo sintagmático, nele ocupando diferentes posições e constituindo-se, até mesmo, de outros SINTAGMAS INTERNOS. Estes, por sua vez, estão contidos nos sintagmas autônomos, não tendo liberdade de se movimentar além do limite do sintagma que os contém, pois estão presos a algum elemento desse sintagma.

São internos, por exemplo, os sintagmas *de topetes azuis*, e *das montanhas*, ambos em (49), e *à saúde*, em (48). São internos porque se fixam às palavras anteriores, constituintes de outros sintagmas, ou seja, fixam-se a *pássaros, alto* e *favorável*.

Note como é possível perceber quando um sintagma é autônomo, qual é a sua extensão e quando um sintagma constitui outro interno ao primeiro. Em uma oração como *o ódio é muito prejudicial à saúde*, veja o que ocorreria se dividíssemos o sintagma *muito prejudicial à saúde* em dois, considerando-os autônomos:

O ódio é } *muito prejudicial* / *à saúde (?)*

Observe como o sintagma *à saúde* não é autônomo, pois não se articula ao verbo *ser*, o que geraria uma frase sem sentido, como **o ódio é à saúde*. Esse sintagma prende-se ao termo *prejudicial* e é com ele que se forma o sintagma completo: *muito prejudicial à saúde* (este, sim, um sintagma adjetival autônomo).

Veja o que ocorre em outra oração:

(51) *As flores nascem mais bonitas na primavera.*

As flores nascem } *mais bonitas* / *na primavera*

Os dois sintagmas à direita do verbo são autônomos, uma vez que podem, cada um deles, articular-se sozinhos ao verbo: *as flores nascem mais bonitas* e *as flores nascem na primavera*.

Há ainda outra possibilidade de identificar um sintagma autônomo, em oposição a um interno: os sintagmas autônomos, ou seja, os que se movimentam no eixo sintagmático, podem ser substituídos, de maneira prática, por proformas[4]. Isso funciona assim:

(52) */Seu antigo colega de faculdade/ assinava/ revistas de cultura geral/ com interesse./ (= /**Ele**/ assinava-/**as** /**assim**/ ou /**Ele**/ assinava/ **isso**/ **assim**./)*

(53) */Pessoas que têm muito dinheiro/ vivem/ em casas com muito mármore./ (= /**Elas**/ vivem/ **lá**/ ou /**Elas**/ vivem / **nelas**./)*

4 Proforma é a unidade linguística que representa o mesmo conjunto das propriedades comuns aos membros de uma determinada classe gramatical. Assim, os pronomes retos *ele/ela*, por exemplo, são proformas da categoria dos substantivos ou dos SN; o advérbio *lá* pode ser proforma de um sintagma preposicionado circunstancial de lugar; o advérbio *assim*, de um circunstancial de modo etc.



Um SINTAGMA ADVERBIAL, por sua vez, é aquele cujo núcleo é um advérbio, ainda que essa nomenclatura geralmente não seja usada. Sintagmas com advérbio nuclear podem sozinhos constituir o sintagma (*cedo*; *lentamente*) ou vir acompanhados por intensificador (***muito** cedo*) ou modificador (***dolorosamente** cedo*). Formam-se, portanto, semelhantemente aos sintagmas adjetivais.

Funções adverbiais (como modificadores circunstanciais) também são costumeiramente exercidas pelos sintagmas preposicionados, uma vez que apresentam as mesmas características morfossintáticas e, inclusive, semânticas de um advérbio. Perceba a perfeita correspondência que há em:

(54) *A chuva cai* ***cedo.***
(55) *A chuva cai* ***de manhã.***
(56) *A chuva cai* ***à mesma hora.***

Finalmente, falta comentarmos o SINTAGMA VERBAL, que é um dos elementos básicos da oração. Esse tipo de sintagma tem o verbo ou a locução verbal como núcleo, podendo constituir-se apenas por esse núcleo ou apresentar diversas configurações, quando acompanhado de outros tipos de sintagmas. É o que temos a seguir:

(57) *As crianças* ***adormeceram.***
(58) *O professor* ***perdeu as provas dos alunos.***
(59) *Todos* ***podem precisar de mais dinheiro.***
(60) *Os amigos* ***enviaram condolências à família.***

De todos os sintagmas descritos, percebe-se que apenas o verbal não pode deixar de figurar em uma oração e, no eixo sintagmático,

vai exercer sempre a mesma função, a de *predicado*. Os demais tipos de sintagma poderão exercer funções diversas, dependendo das relações que desempenharem entre si e das posições que ocuparem na linha horizontal. Apenas o sintagma adverbial, com núcleo *advérbio*, terá também uma função sintática fixa: a de *adjunto adverbial*, como veremos no Capítulo 4.

Decompondo os sintagmas

Os diferentes tipos de sintagmas podem ser decompostos em seus constituintes imediatos, o que facilita a compreensão de fatos semânticos e o domínio da própria estrutura da língua. O passo inicial de uma estratégia bem prática para a decomposição de sintagmas é tomar o núcleo verbal da oração como ponto de referência ou de apoio:

(61)	*Todos aqueles brinquedos de cores alegres* *SN*	*sumiram* *V*	*do quarto dos fundos.* *SP*

Sintagmas Autônomos

1. *Todos aqueles brinquedos de cores alegres*
   Formação do SN: pré-det. + det. + núcleo subst. + SP [*todos* + *aqueles* + *brinquedos* + *de cores alegres*]

2. *do quarto dos fundos*
   Formação do SP: prep. [*de*] + SN [*o quarto dos fundos*]

Sintagmas Internos

1. *de cores alegres*

   Formação do sp:[5] prep. [*de*] + SN (núcleo subst. [*cores*] + modif. [*alegres*])

2. *dos fundos*

   Formação do sp: prep. [*de*] + SN (det. [*os*] + núcleo subst. [*fundos*])

   Visualize a decomposição:

Todos aqueles brinquedos de cores alegres	*sumiram*	*do quarto dos fundos*
sintagma nominal	verbo	sintagma preposicionado

Todos aqueles	*brinquedos*	*de cores alegres*
pré-det. + det.	núcleo substantivo	sintagma preposicionado

de	*cores alegres*
preposição	sintagma nominal

cores	*alegres*
núcleo substantivo	modificador adjetivo

5 sp indica um sintagma preposicionado interno a outro sintagma preposicionado. Por exemplo, *de plástico* é sintagma preposicionado interno ao sintagma *de capa de plástico*.

de	*o quarto dos fundos*
preposição	sintagma nominal

o	*quarto*	*dos fundos*
det.	núcleo substantivo	sintagma preposicionado

de	*os fundos*
preposição	sintagma nominal

os	*fundos*
determinante	núcleo substantivo

Como saber a extensão de um sintagma? Já dissemos que há sintagmas "dentro" de outros sintagmas, isto é, há sintagmas autônomos que contêm sintagmas internos, geralmente preposicionados.

Para sabermos a extensão de um sintagma, basta perceber a relação de dependência que existe entre seus componentes e observar também que os sintagmas, quando autônomos, podem ser substituídos por um termo próprio para isso – as proformas (um pronome reto, um demonstrativo neutro[6], por exemplo). De uma maneira apenas prática, operacional, pode-se também trocar um sintagma autônomo por um "advérbio curinga" – *assim* – ou por um "adjetivo curinga" – *interessante*, por exemplo. Nessas substituições didáticas, é óbvio que devemos seguir as leis de uso da língua e não construir frases gramaticalmente anômalas.

6 Os pronomes *isso* ou *aquilo*.

O que importa, neste momento, é apenas observar qual sintagma e de que extensão a palavra curinga estará substituindo. Perceba:

(62) *O parecer da comissão de senadores **foi** desfavorável à aprovação do projeto. (= Ele foi interessante[7].)*

O primeiro sintagma, à esquerda do verbo, é *o parecer da comissão de senadores*, que equivale, por inteiro, a um pronome *ele* ou *isso*, por exemplo. Internamente a esse sintagma, existe o sintagma preposicionado *da comissão de senadores* e, internamente a este último, o sintagma também preposicionado *de senadores*.

Observe que existe uma relação de dependência entre o primeiro sintagma preposicionado e o substantivo anterior *parecer*, e do segundo sintagma ao substantivo *comissão*. Tanto é assim, que, se retirarmos o termo *comissão*, o sintagma *de senadores* não terá a que se prender, pois não poderia articular-se à palavra *parecer*, uma vez que não é a ela que atribui uma característica, mas a *comissão*.

O que temos no primeiro sintagma é exatamente isto:

o parecer da comissão de senadores	(1º sintagma - autônomo = ele/isso)
da comissão de senadores	(2º sintagma - interno)
de senadores	(3º sintagma - interno)

O mesmo ocorre com o segundo sintagma, à direita do verbo: *desfavorável à aprovação do projeto*, que é um sintagma autônomo, ou seja, pode se movimentar por inteiro no eixo sintagmático. *À aprovação do projeto* é dependente do termo anterior *desfavorável* e não

7 Ou *isso foi assim* ou *aquilo foi interessante*. Veja que seria anômala quanto ao uso da língua uma substituição como *ele da comissão de senadores foi*. O pronome *ele* substitui *o parecer da comissão de senadores* e não apenas *o parecer*.

do verbo *foi*, constituindo, assim, um sintagma interno. O sintagma *do projeto*, por sua vez, é outro sintagma preposicionado interno, preso à palavra anterior (*aprovação*) do outro sintagma preposicionado. É como se tivéssemos um sintagma menor dentro de outro maior e assim por diante. Observe:

desfavorável à aprovação do projeto	(1º sintagma - autônomo)
à aprovação do projeto	(2º sintagma - interno)
do projeto	(3º sintagma - interno)

Dessa maneira, fica evidente que o sintagma *do projeto* **não** se articula ao núcleo adjetivo *desfavorável* e muito menos ao verbo, mas ao substantivo *aprovação*, completando-lhe o sentido.

(63)	*Elas*	*são*	*pessoas tão preocupadas com os vícios prejudiciais à saúde.*
	SN	*V*	*SN*

Didaticamente = *elas são assim* ou *elas são interessantes*.

- SN autônomo [*pessoas* + *tão preocupadas com os vícios prejudiciais à saúde*];
- sp [*com os vícios prejudiciais à saúde*] = prep. [*com*] + SN [*os vícios prejudiciais à saúde*];
- sp [*à saúde*] = prep. [*a*] + SN [*a saúde*].

(64)	*Aquele carteiro eficiente*	***chega***	*ao correio*	*sempre*	*à mesma hora.*
	SN	*V*	*SP*	*S. adv.*	*SP*

Didaticamente = *ele chega a ele sempre assim.*

- aquele + carteiro + eficiente = SN autônomo (det. + núcleo subst. + modif.);
- a + o correio = SP autônomo [prep. + SN (det. + núcleo subst.);
- sempre = S. Adv. autônomo;
- a + a mesma hora = SP autônomo [prep. + SN (det. + modif. + núcleo subst.).

(65)	*Um certo poeta muito louco*	*residia*	*naquele castelo*	*com a família.*
	SN	*V*	*SP*	*SP*

Didaticamente = *ele residia nele com ela.*

- um + certo + poeta + muito louco = SN autônomo [pré-det. + det. + núcleo subst. + SA interno (intens. + núcleo adj.)];
- em + aquele castelo = SP autônomo [prep. + SN (det. + núcleo subst.)];
- com + a família = SP autônomo [prep. + SN (det. + núcleo subst.)].

Da mesma maneira que a desconstrução de sintagmas obedece a verdadeiras "fórmulas" linguísticas, à maneira das de matemática ou dos teoremas, sua construção também decorre de algumas dessas fórmulas sintáticas do português:

- det. + núcleo subst. + sp = SN (*o professor de português*);
- prep. + SN (núcleo subst. + sp + sp) = SP (*com livros de capa de plástico*);
- det. + intens. + modif. + núcleo subst. + sp = SN (*meu muito esperto cãozinho de estimação*);

- intens. + núcleo adj. + sp = SA (*muito confiante na aprovação*);
- det. + núcleo subst. + sp + sp = SN (*o oferecimento de um jantar aos convidados*).

Questões comentadas II

1. De acordo com Perini (2007), "a gramática de uma língua inclui os seguintes componentes: a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. Esses componentes se articulam para definir quais são as sequências que constituem frases da língua e quais as que não constituem". Comente o que ocorre nas frases a seguir, baseando-se nessa afirmação.

   a. Ela não cabeu na poltrona.
   b. Ela comprou seus maçãs?
   c. Ói nóis na fita!
   d. Não cabia na gaveta todas aquelas cartas.
   e. Cadernos os menino do no caíram chão.

Resposta: Somente a alternativa E não seria uma frase da Língua Portuguesa, pois não há uma organização mediante qualquer ordem sintática **constitutiva** da língua. Houve desobediência total aos padrões de posicionamento sintagmático das unidades linguísticas. Nenhum falante do português construiria uma frase dessa forma. Já nos outros exemplos, exceto em B, o que temos são desvios de padrões gramaticais **normativos** da língua. Um falante do português pode/poderia cometer um desvio da norma culta de natureza morfológica em A, fonológica em C e sintática em D. Natureza morfológica porque há uma alteração da estrutura mórfica da forma verbal *coube*; natureza fonológica, pois **ói* e **nóis* são realizações fonológicas ("pronúncias") populares de *olha* e *nós*; natureza sintática porque o verbo deveria estar concordando

com o núcleo do sintagma nominal, ou seja, *todas aquelas **cartas** não **cabiam**.* O caso de B seria o de uma construção feita por um não falante da Língua Portuguesa, uma vez que o indivíduo que tem o português como sua língua materna acionaria sua gramática interiorizada e "saberia", independente de qualquer regra normativa de sintaxe, que ***maçãs*** é feminino e assim devem ser seus determinantes.

2. Em qual das frases a seguir ocorre um defeito de ambiguidade sintática, isto é, duplo sentido ocasionado por um mau posicionamento dos sintagmas? Justifique sua resposta.

   a. Bandido atropela e mata garoto com carro roubado.
   b. Ele perdeu a linha.

RESPOSTA: O defeito de natureza sintática ocorre na frase A. O mau posicionamento do sintagma *com carro roubado* gera um duplo sentido: era o bandido que estava com o carro roubado ou era o garoto? Para que um só sentido prevaleça, uma reorganização do posicionamento dos sintagmas e uma alteração na estrutura da frase são necessárias. Poderíamos ter, assim, duas possibilidades de construção:

Bandido com carro roubado atropela e mata garoto.
Bandido atropela e mata garoto que dirigia carro roubado.

3. Na frase *o indivíduo escondeu-se/ **alucinado**/ **longe de casa**/*, justifique se os sintagmas em destaque são adjetivais ou adverbiais.

RESPOSTA: O sintagma *alucinado* é adjetival, uma vez que é formado por um núcleo adjetivo, ou seja, palavra que se articula ao substantivo *indivíduo*. É variável em gênero e número e se deixa anteceder por um intensificador (tão, muito). O sintagma *longe de casa* é adverbial uma vez que seu núcleo (*longe*) é um advérbio, ou seja, uma palavra invariável que se deixa anteceder por um intensificador e se articula ao verbo (*escondeu-se longe*).

4. Em *existem **mulheres que se acostumaram ao luxo***, transforme a oração em destaque em um sintagma equivalente, de base ou natureza morfológica adjetiva, e explique por que esse sintagma teria essa natureza.

RESPOSTA: A oração em destaque pode ser transformada no sintagma adjetival *acostumadas ao luxo*, cujo núcleo (*acostumadas*) é um adjetivo, ou seja, palavra variável em gênero e número, que se deixa anteceder por um intensificador e que se articula ao substantivo *mulheres*.

5. Retire do trecho o que for pedido.

Acha-se ali, entristecida, ao piano, uma bela e nobre figura de moça. As linhas do perfil desenham-se distintamente contra a luz pálida do alvorecer.

   a. Os sintagmas nominais.

RESPOSTA: *uma bela e nobre figura de moça*; *as linhas do perfil*
Os sintagmas nominais têm como núcleos os substantivos *figura* e *linhas*. Esses dois sintagmas nominais poderiam ser trocados, respectivamente, pelos pronomes *ela* e *elas*.

   b. Um sintagma adjetival autônomo.

RESPOSTA: *entristecida*
Esse sintagma, por ser autônomo, pode mudar de posição na oração em que se encontra, mantendo sua independência em relação a qualquer outro núcleo. Por exemplo:

Entristecida, acha-se ali, ao piano, uma bela e nobre figura de moça.
Acha-se ali, ao piano, entristecida, uma bela e nobre figura de moça.
Acha-se ali, ao piano, uma bela e nobre figura de moça, entristecida.

c. Os sintagmas preposicionados autônomos.

RESPOSTA: *ao piano, contra a luz pálida do alvorecer*
São autônomos porque também têm a possibilidade de estar em outras posições no enunciado, ocupando, inteiros, uma palavra equivalente, como *assim*.

d. Os sintagmas adverbiais.

RESPOSTA: *ali, distintamente*
São formados apenas pelo próprio núcleo advérbio.

e. Os sintagmas preposicionados internos.

RESPOSTA: *de moça, do perfil, do alvorecer*

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO II

NÍVEL 1

1. Separe com colchetes e classifique os sintagmas autônomos, anteriores e/ou posteriores ao verbo. Identifique a existência de sintagmas internos.
   a. A chuva cai lentamente na tarde de outono.
   b. A intensa brancura do céu inundava o horizonte naquele início de manhã.
   c. Terrível palavra é um não.
   d. Havia uma estranha sensação de vazio naquele coração sofrido.
   e. Longamente ela esticava os olhos no horizonte: a pobre donzela estava alheia a qualquer coisa.

2. A frase hipotética [*O vendi carro eu como.] contraria alguma lei gramatical da Língua Portuguesa? Constitutiva ou normativa? De que natureza linguística: fonológica, morfológica ou sintática?

3. No enunciado a seguir, isole os sintagmas que se relacionam ao verbo *funcionar* e diga de que tipo são eles.

   um carro que funciona perfeitamente por tantos anos em um país onde só 15% das estradas são pavimentadas

   Faça assim: escreva o verbo *funciona*, abra uma chave e coloque a seguir os sintagmas que se articulam ao verbo, um abaixo do outro.

4. Isole os sintagmas do trecho a seguir e classifique-os quanto ao tipo a que pertencem (grife o verbo e veja quais sintagmas existem antes ou depois dele). Isole primeiro os sintagmas autônomos e depois o(s) interno(s) a estes.

   Todos os dias, no pátio da escola, as crianças do primário, muito alegres, inventavam novas brincadeiras.

5. Nas orações a seguir, ocorrem ambiguidades de natureza sintática. Reescreva as frases, apenas reorganizando o posicionamento dos sintagmas para que o duplo sentido desapareça.

   a. Assinei um empréstimo para auxiliá-lo no dia 15.
   b. Ele viu o incêndio do prédio.
   c. O juiz julgou o menor culpado.
   d. A governadora falou à plateia que era honesta.
   e. Eu li a notícia sobre a greve na universidade.

6. Reescreva a oração *a situação parece que vai melhorar* de três maneiras diferentes, alterando a posição do sintagma *a situação*. Elabore uma em que a reorganização dos sintagmas acarretaria falta de clareza ou inadequação de uso.

NÍVEL 2

1. Separe com colchetes e classifique os sintagmas autônomos, anteriores e/ou posteriores ao verbo. Identifique a existência de sintagmas internos.

   a. Vão lá pedir sinceridade ao coração dos amigos!
   b. Aquele rapaz e toda a sua família eram odiosos à minha vizinha.
   c. Sem esforço, ninguém progride na vida, mesmo que tenha um pai de muitas posses.
   d. É muito importante a leitura do longo artigo de Miguel Antunes publicado na revista *Veja*.
   e. Súbita mão de algum fantasma oculto deixou meu corpo medrosamente gélido.

Use o texto a seguir para responder às questões de 2 a 9.

As crianças não ignoravam que a presença daquele cachorro vira-lata em seu apartamento irritaria a mãe. Os meninos esconderam o animal em um armário próximo ao corredor e sentaram na sala à espera dos acontecimentos. No fim da tarde, a mãe chegou do trabalho. Logo descobriu o intruso que, sob os olhares ansiosos dos filhos, foi finalmente descoberto. O receio de que tudo terminaria mal afinal se concretizou: o pobre cachorrinho foi expulso de casa e isso deixou todos extremamente tristes.

2. Quantos períodos existem no texto?

   5 períodos

3. Dê o número de orações de cada período. *a quantidade de Verbos*

4. Observe o segundo período, divida-o em duas orações constituintes e isole os sintagmas, na ordem em que aparecem. Indique:

   a. os dois sintagmas nominais autônomos;
   b. os cinco sintagmas preposicionados (três autônomos e dois internos).

5. Nesse mesmo período, o termo *próximo ao corredor* tem um núcleo adjetival ou adverbial? Por quê?

6. Observe os SP desse segundo período e diga qual ou quais se articulam aos verbos, qual se articula ao adjetivo e qual ao substantivo.

7. Reescreva o terceiro período do texto (*No fim da tarde, a mãe chegou do trabalho.*) de várias maneiras diferentes, mudando a posição dos sintagmas em relação ao verbo. Justifique qual, em sua opinião, seria a ordem menos clara e, por isso, menos comunicativamente eficiente.

8. Observe o último período do texto e responda:

   a. De que natureza morfológica é a palavra *tudo*? De que tipo seria necessariamente outro sintagma que entrasse em seu lugar, na mesma posição? Reescreva a oração com essa mudança proposta e conclua.

b. A que classe gramatical pertencem as palavras *mal* e *extremamente*? Justifique.
c. De que tipo é o sintagma *extremamente tristes*? Decomponha-o.
d. Observe a oração *de que tudo terminaria mal*. Perceba como está intercalada outra: *O receio/ afinal se concretizou*. Transforme essa oração intercalada em um sintagma preposicionado qualquer, de modo que o novo período apresente sentido. A que substantivo-núcleo a oração ou o sintagma se articulam? Seriam ambos complementos obrigatórios?

9. Observe que, no primeiro período do texto (*As crianças não ignoravam* ***que a presença daquele cachorro vira-lata em seu apartamento irritaria a mãe***), também ocorre uma oração inteira que poderia ser substituída por um sintagma nominal. Assim, responda:

a. Essa oração poderia ser substituída por qual sintagma nominal, por exemplo?
b. Essa substituição significa que a oração em destaque teria a mesma natureza ou base morfológica do SN? Qual é essa base?

10. Em *ainda correm algumas lágrimas pelo teu rosto amargo* (Cecília Meireles), troque o sintagma nominal por um pronome reto adequado (*elas*). De que natureza morfológica tem de ser esse pronome? (Ao fazer a substituição, coloque a oração na ordem direta.)

11. Em *parece que perdi as entradas de cinema no ônibus*, troque o sintagma nominal por um pronome adequado. Esse pronome pode ser o mesmo que você usou na questão anterior? Por quê? Qual seria sua natureza morfológica? Explique.

12. Muitas vezes, sintagmas mal posicionados no eixo sintagmático produzem ambiguidades (duplo sentido). É o caso das orações a seguir. Reescreva-as, eliminando esse problema semântico:

a. Todos aplaudiam o espetáculo do corredor.
b. Vacas que ficam doentes frequentemente comem demais.
c. Os policiais prenderam os ladrões da viatura.

13. A sintaxe, ao regular o posicionamento dos sintagmas (autônomos ou internos) no eixo horizontal e o das próprias palavras nesses sintagmas, exibe toda a sua importância como motriz geradora ou destruidora de sentidos das frases. Veja, na frase a seguir, como a ausência de articulação sintática com um determinante ou com um pronome reto impede que se possa compreender com exatidão o seu sentido. Comente isso.

choro para inglês ver